

PUCRS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUÍSA DE LEMOS MEDEIROS

**VOLUNTARIADO E ENGAJAMENTO:
ESTUDO SOBRE MOTIVAÇÕES A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA**

Porto Alegre
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LUÍSA DE LEMOS MEDEIROS

**VOLUNTARIADO E ENGAJAMENTO:
ESTUDO SOBRE MOTIVAÇÕES A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

Porto Alegre
2017

Ficha Catalográfica

M488v Medeiros, Luísa de Lemos

Voluntariado e engajamento : estudo sobre motivações a partir de uma perspectiva fenomenológica / Luísa de Lemos Medeiros .
– 2017.

78 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Pereira Santos Filho.

1. voluntariado. 2. engajamento. 3. fenomenologia. 4. narrativa biográfica. 5. motivações. I. Santos Filho, Hermílio Pereira. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUÍSA DE LEMOS MEDEIROS

**VOLUNTARIADO E ENGAJAMENTO:
ESTUDO SOBRE MOTIVAÇÕES A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Hermílio Pereira dos Santos Filho

Emil Albert Sobottka

Ana Lucia Suarez Maciel

Porto Alegre
2017

AGRADECIMENTOS

A filosofia africana *ubuntu* inspira os relacionamentos com base na colaboração, solidariedade e humanidade. Para os adeptos dessa forma de vida, existe a máxima *que sozinho vamos mais rápido, mas juntos vamos mais longe*. A jornada acadêmica que culminou neste trabalho me ajudou a dar nova interpretação a esses princípios. Nesses dois anos, pude reafirmar que sozinha, jamais chegaria aqui.

Agradeço à minha família e meus amigos, por compreenderem os meus momentos de ausência e a me incentivar em todos os momentos, sem qualquer restrição. Em especial aos meus pais, Regina e César, minha irmã Mariana e meu cunhado Lucas, e à pequena Marina, a quem dedico esse trabalho e a quem desejo que o mundo seja gentil e solidário. Ao Peter, meu fiel escudeiro, que esteve ao meu lado em absolutamente todos os momentos dessa jornada.

Agradeço aos colegas de trabalho e de trajetória acadêmica, que viveram comigo esse período, aos queridos do grupo de pesquisa e todos aqueles que foram ouvido, ombro e coração ao longo desses dois anos – *eu sou porque nós somos*.

Meu agradecimento também ao professor Hermílio pelos desafios, a confiança e o estímulo. Aos professores que compuseram a banca, Ana Lucia e Emil, pela leitura atenta e as considerações valiosas, desde a qualificação.

Qualquer agradecimento, aqui disposto, seria insuficiente para demonstrar a minha gratidão.

“El voluntariado nos ayuda a acercarnos como personas y como sociedades. Es un poderoso instrumento para movilizar a todos los segmentos de la sociedad como asociados activos en la construcción de un mundo mejor... Rindamos homenaje al voluntariado como expresión de nuestra humanidad común y como forma de promover el respeto mutuo, la solidaridad y la reciprocidad.”

Ban Ki-moon (5 de diciembre de 2010)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de contribuir com as discussões e análises sobre o voluntariado, especialmente a respeito das razões que levam pessoas ao engajamento nas atividades e em grupos de voluntariado. Após uma revisão das abordagens sobre o tema disponíveis em pesquisas e trabalhos acadêmicos, foi possível colocar uma lente fenomenológica sobre o assunto. Com isso, buscou-se revelar como são construídos, ao longo da biografia, os *motivos por que* do engajamento ao voluntariado. Por meio da metodologia de narrativa biográfica proposta por Fritz Schütze a partir dos pressupostos teóricos da fenomenologia de Alfred Schütz e sistematizada por Gabriele Rosenthal, foram realizadas cinco entrevistas com voluntários que atuam de forma contínua e periódica em instituições de saúde. Para melhor delimitar a reconstrução da vida narrada, optou-se pela análise aprofundada da história de vida narrada pelo voluntário Lucas. Ao percorrer os passos da análise, foi possível chegar à relevância, na biografia de Lucas, de valores como a solidariedade – fortemente ligado às relações familiares e às experiências da infância. Em um momento de crise pessoal, o entrevistado opta pelo engajamento em atividades de voluntariado. Mapear as motivações de Lucas – a partir da bagagem de conhecimento encontrada na revisão da literatura e nas entrevistas anteriores – possibilitou uma contribuição efetiva para um melhor entendimento dos fatores que envolvem e motivam o voluntário em seu trabalho.

Palavras-chave: voluntariado, engajamento, narrativa, narrativa biográfica, motivações, fenomenologia

ABSTRACT

This work aims to contribute to discussions and analyzes about volunteering, especially about the reasons that lead people to engage in activities and volunteer groups. After a review of the available approaches in researches and academic works, it was possible to put a phenomenological lens on the subject. With this, it was tried to reveal how are constructed, throughout the biography, *the reasons why* the engagement to the volunteer. Through the biographical narrative methodology proposed by Fritz Schütze from the theoretical presuppositions of Alfred Schütz's phenomenology and systematized by Gabriele Rosenthal, five interviews were conducted with volunteers who works continuously and periodically in health institutions. To better define the reconstruction of the life narrated, we opted for the in-depth analysis of the life story narrated by the volunteer Lucas. After passing through the steps of analysis, it was possible to arrive at the relevance in Lucas' biography of values such as solidarity - strongly linked to family relationships and childhood experiences. In a moment of personal crisis, the interviewee opted for volunteering. Mapping Lucas' motivations - from the baggage of knowledge founded in the literature review and previous interviews - makes an effective contribution to a better understanding of the factors that involve and motivate the volunteer in his work.

Keywords: Volunteering, engagement, narrative, biographical narrative, motivations, phenomenology

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados biográficos de Lucas/formulação de hipóteses	36
Tabela 2 – Análise de texto e campo temático	38
Tabela 3 – Análise sequencial	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	VOLUNTARIADO E ENGAJAMENTO: REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1	BREVE PANORAMA DAS ATIVIDADES DE VOLUNTARIADO NO BRASIL	20
2.2	A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO VOLUNTARIADO	25
3	ABORDAGEM METODOLÓGICA	28
3.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O MÉTODO	28
3.2	A ENTREVISTA NARRATIVA DE LUCAS	32
3.3	RECONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS	34
3.3.1	Análise dos dados biográficos	35
3.3.2	Análise de texto e do campo temático	37
3.3.3	Reconstrução da vida vivenciada e análise sequencial detalhada	39
3.3.4	Comparação entre vida vivenciada e vida narrada	42
4	ANÁLISE DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA NARRADA DE LUCAS	43
4.1	CONTEXTO DA ENTREVISTA E O RELATO DE VIDA	44
4.2	A INFÂNCIA E AS RELAÇÕES FAMILIARES DE LUCAS	49
4.3	A PERCEPÇÃO DE SOLIDARIEDADE	54
4.4	A BUSCA POR SENTIDO E O INGRESSO NO VOLUNTARIADO	56
4.5	A ANÁLISE DO ENGAJAMENTO DE LUCAS: ALGUMAS PERCEPÇÕES	59
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	71
	ANEXO A – Memo de Entrevista Biográfica	73
	ANEXO B – Códigos de Transcrição	77

1 INTRODUÇÃO

O voluntariado – e toda a carga de dedicação que a atividade envolve – é transversal à minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. A inspiração familiar, o engajamento precoce em grupos e a constante ligação com atividades pontuais de ajuda comunitária passaram todos os momentos da minha vida.

Algumas das razões dos meus motivos de estar lá são perceptíveis – fora estimulada, desde criança, a esse tipo de atividade pelos meus pais e avós, fui educada em um meio que me inspirou a trabalhar pela igualdade de direitos e oportunidades, a não ser indiferente às necessidades dos outros. Ao mesmo tempo, me deparei com motivações completamente diferentes das minhas, e muitas vezes não consegui compreendê-las.

Esta incompreensão, de certa forma, é benéfica para o desenvolvimento deste trabalho. Conforme Schütz, um dos autores que dará o embasamento teórico para o método utilizado nessa dissertação, cabe ao cientista social considerar suas perspectivas como irrelevantes para a pesquisa científica. Para ele, o pesquisador “observa padrões de interação humana ou seus resultados na medida em que são acessíveis à sua observação e abertos à sua interpretação” (SCHÜTZ, 1979, p. 273).

Ao longo da minha trajetória participei de diversos tipos de iniciativas de voluntariado – desde grupos bem estruturados até atividades pontuais, que funcionavam sem uma organização, liderança instituída ou protocolos. Vivenciei o êxito e o fracasso em diferentes formas de voluntariado – e essas experiências me instigaram a entender melhor o funcionamento desses grupos e, principalmente, a relação das pessoas com as atividades de voluntariado.

Antes de seguir pela trajetória que me trouxe até este trabalho, considero importante expor o conceito de voluntariado com o qual me proponho a trabalhar. Utilizo, aqui, a descrição de voluntariado feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), na ocasião em que conclamou¹ 2001 como o Ano Internacional do Voluntariado, que é ampla, vai na mesma direção das minhas convicções como voluntária e abrange alguns aspectos relevantes, que aprofundaremos ao longo do trabalho. Segundo a ONU:

¹ Manifesto disponível em:
http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/56/38&referer=/english/&Lang=S

(...) servicios voluntarios y actividades voluntarias se refieren a una amplia gama de actividades, incluidas las formas corrientes de apoyo mutuo y autoayuda, la prestación oficial de servicios y otras formas de participación cívica, realizadas voluntariamente, en beneficio de la sociedad en su conjunto y sin que la retribución económica sea el principal factor de motivación. (ONU, 2016)

Nesse sentido, algumas experiências foram marcantes na minha trajetória. Durante dezesseis anos, fui membro do LEO Clube – um programa² do Lions Club International que tem o objetivo de “dar aos jovens a oportunidade de servir suas comunidades e causar um impacto positivo” (LIONS, 2016). Nessa época, tive a oportunidade de vivenciar a criação e estruturação de grupos, o fechamento de outros, o intercâmbio com outros grupos de voluntariado e participar de forma ativa de atividades de voluntariado em áreas como saúde, educação, comunicação, meio ambiente, esporte e lazer, entre outras. Em paralelo a isso, aprofundei minha relação com a liderança estudantil com a participação de conselhos de classe, grêmios estudantis e, já na graduação, de diretórios acadêmicos.

Foi também durante minha graduação na área da Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria, que tive a oportunidade de fazer um estágio voluntário na Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), em Brasília, no segundo semestre de 2005. Essa experiência ajudou a ampliar minhas percepções sobre voluntariado, ação social e solidariedade.

A experiência na Andi, onde atuei como repórter, produzindo matérias sobre direitos da infância para distribuição a veículos de imprensa de todo o país, me colocou em contato com uma definição que, até então, era desconhecida para mim – a de terceiro setor. Diversos autores abordaram a definição de terceiro setor, que pode ser entendido como:

o conjunto de atividades produtoras de bens e serviços, sem finalidade de lucro, que contém elementos expressivos e implicações pessoais; integra não só as formas de solidariedade primária (família, amigos) e secundárias (voluntários) senão também múltiplas atividades de auto-ajuda [...] quando a produção de bens e relações está suficientemente organizada como ação coletiva, podemos falar do terceiro setor em sentido próprio. (GARCIA ROCA, 1995, p. 164 apud MEISTER, 2003, p. 35)

² Detalhes do programa podem ser conhecidos em <http://members.lionsclubs.org/PO/leos/index.php>

Para Cardoso (2005, p. 8), as múltiplas experiências de trabalho voluntário fazem parte do terceiro setor, sendo que é nelas que “cidadãos exprimem sua solidariedade através da doação de tempo, trabalho e talento para causas sociais”. O termo, à época, foi amplamente utilizado entre grupos de voluntariado, grupos empresariais, organizações e também no meio acadêmico. Entretanto, gera controvérsias – especialmente no âmbito acadêmico.

Sobottka (2002) afirma não ser possível encontrar definição consistente do terceiro setor como fenômeno social com base nas teorias sociais. Ao revisar abordagens de autores como Thompson e Salamon, Sobottka percebe o esforço em buscar as manifestações históricas para compreender o termo, bem como categorizar suas atividades em setores da sociedade. No entanto, afirma que, do ponto de vista das Ciências Sociais, a pluralidade das ações envolvidas no Terceiro Setor impede uma conceituação coerente. Para o autor, “o trabalho com categorias tão imprecisas é contra-producente para a geração de conhecimento” (SOBOTTKA, 2002, p. 89).

A experiência na Andi me inspirou a realizar, em 2009, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), um curso de pós-graduação na Área da Economia Social. Vale destacar que a nomenclatura *economia social*, que dava nome à formação, referia-se às organizações dedicadas a atividades que não visassem ao lucro, com objetivo de beneficiar o setor público.

Neste período, tive contato com diferentes tipos de voluntariado. Dos pequenos grupos de vizinhos organizados para fazer um sopão solidário aos moradores de rua, até as grandes fundações ligadas a empresas multinacionais, pude compreender a complexidade e a amplitude do voluntariado. Esta formação, ainda que mais curta, despertou muitas inquietações sobre o tema e me ajudou a traçar um horizonte rumo ao curso de mestrado.

No âmbito profissional, também pude vivenciar algumas experiências que direcionaram ao tema do voluntariado. Durante um ano (de 2008 a 2009) atuei na Fundação Educando, onde produzia conteúdos para a área da educação e coordenava projetos de formação de professores e inclusão social por meio da educação.

Também mantive um contato próximo com outras entidades e movimentos

sociais como sindicatos, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e o Movimento pela Cidadania e Solidariedade. Foi um período intenso de aprendizagens e conhecimento pela experimentação da forma como atuam essas organizações e, conseqüentemente, como as pessoas se relacionam e atuam dentro delas.

Depois disso, passei alguns anos trabalhando na redação de grandes jornais de Porto Alegre e da Região Metropolitana até que, em 2014, ingressei na área de comunicação da Rede Marista. Nesses três anos, tenho atuado diretamente ligada às áreas canônicas e administrativas, em especial à coordenação de Pastoral, setor vital para o sustentáculo de uma rede de ensino confessional, como é o caso da rede de Colégios e Unidades Sociais e a PUCRS. O reencontro com a atuação e as causas sociais, a produção de conteúdo com foco no humano, suas relações e manifestações, despertaram, em mim, a vontade de voltar à academia.

As formas de atuação social, suas inspirações e efetividades, passaram de temas que permeavam minha vida pessoal, para fazer parte do meu cotidiano profissional e que representam, para mim, um vasto horizonte a ser pesquisado e estudado. As diferentes vertentes da ação solidária, em especial o contato com os grupos de voluntariado que fazem parte da Rede Marista, suscitaram novamente, em mim, as indagações que existiam anos atrás.

Ao reviver essa trajetória, consigo compreender algumas das minhas motivações de início e persistência nesse tipo de atividade. Entendo alguns fatores que contribuíram para o fracasso ou êxito de grupos aos quais estive engajada e percebo que, na maioria das vezes, está fortemente ligada ao engajamento de suas pessoas. Hipóteses da minha vivência pessoal e que carregam consigo muito das minhas certezas, minhas crenças e bagagem histórico-familiar. Percebi, no entanto, que poderia ir além dessas percepções e ampliá-las em um estudo mais aprofundado sobre o tema.

Em 2015, fui aceita no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS já com o intuito de focar meus estudos nos grupos de voluntariado. Ainda não conhecia, no entanto, a melhor forma de abordar o tema, tampouco tinha convicção de qual seria a melhor metodologia para estudar o assunto.

Ao começar minhas primeiras observações a respeito do tema, percebi que o voluntariado não é um assunto tão usual em estudos da área das Ciências

Sociais. Primeiramente, fiz um levantamento de teses e dissertações nos últimos dez anos, utilizando a base de dados da Biblioteca Central Irmão José Otão (PUCRS), que inclui amplo acesso ao banco de informações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Em um primeiro momento, selecionei em torno de 90 estudos, entre teses, dissertações e artigos, que abordavam o voluntariado em algum aspecto. Desses, selecionei 28 trabalhos para uma investigação mais profunda, pois traziam o tema relacionado (total ou parcialmente) ao aspecto de engajamento das pessoas que fazem trabalho voluntário.

Pude observar que são muito diversas as áreas de conhecimento que se interessam pelo tema: administração, educação, saúde, psicologia, serviço social, direito e ciências sociais foram algumas das abordagens encontradas. Chamou minha atenção, no entanto, que apenas um pequeno número de trabalhos (cinco, em um universo de 90 previamente selecionados) foi desenvolvido por estudiosos das Ciências Sociais.

Outro aspecto que me chamou atenção, ao verificar esses estudos, é que quase em sua totalidade, são baseados em dados quantitativos sobre voluntariado – ora com a aplicação de questionários fechados para um grupo amplo de voluntários, ora utilizando dados de grandes institutos de pesquisa (que, por sua vez, também utilizam questionários fechados).

O voluntariado, por ser uma atividade desenvolva no âmbito da sociedade e influenciar, de forma significativa, diversos setores dela, acredito ser relevante seu estudo no âmbito das Ciências Sociais. Estudar suas motivações abre uma perspectiva interessante para a análise da solidariedade, da atividade em grupo e em sociedade.

Nesse mesmo sentido, acredito ser importante uma análise mais aprofundada dessas motivações. Entendendo que cada voluntário tem uma trajetória de vida e é influenciado por inúmeros aspectos (econômicos, sociais, de história de vida, entre outros), vejo relevância em um estudo qualitativo, que amplie as possibilidades de análise de suas motivações para além da escolha entre respostas pré-definidas em um questionário.

Outros dados que corroboram a importância em analisar este tema estão nos números que envolvem o voluntariado no País. O *World Giving Index*³ – um ranking global de solidariedade no mundo – mostra o Brasil na 5ª colocação em números absolutos de voluntários, o que representa um contingente de 29 milhões de pessoas.

Outra pesquisa, desenvolvida pela Fundação Itaú Social⁴ no mesmo ano, aponta que, embora apenas 11% da população brasileira atue de forma voluntária, quase 60% está disposta a realizar atividades de voluntariado. O estudo indica, também, alguns caminhos para entender a motivação desses voluntários: por exemplo, mostra que mais da metade (51%) faz trabalho voluntário pela sensação de bem-estar e de fazer o bem, outros 40% se dizem motivados por sentir-se útil, 37% cita a gratificação pessoal nas atividades voluntárias. São alguns aspectos e hipóteses que retomarei durante a análise dos dados desta pesquisa.

Diante deste cenário acadêmico e também de minhas experiências pessoais, senti a necessidade de realizar um levantamento de dados qualitativos, que possibilitem uma análise e interpretação desses dados de forma profunda. Dessa forma, pretendo ter a possibilidade de um novo olhar para aquelas crenças construídas ao longo de quase três décadas de experiência de voluntariado e me ajudem a responder ao seguinte problema de pesquisa: *quais as motivações que levam as pessoas a se engajar em atividades de voluntariado?*

Neste sentido, me pareceu relevante encontrar um método que me permitisse analisar aspectos de vida de voluntários, suas percepções a respeito da atividade e de suas trajetórias no voluntariado, sem a preconcepção de respostas ou hipóteses, com o intuito de que elas fossem se construindo ao longo do estudo. Trazia, da minha trajetória acadêmica e profissional, a vontade de usar a metodologia de história oral, muito utilizada na Comunicação Social. Ao expor essa vontade aos professores do Programa de Pós-Graduação, fui indicada à utilização do método de narrativas biográficas, capitaneado, nesta

³ Disponível no site https://www.cafonline.org/docs/default-source/about-us-publications/1950a_wgi_2016_report_web_v2_241016.pdf?sfvrsn=4, acesso em janeiro de 2017.

⁴ Disponível no site <https://www.fundacaoitausocial.org.br/pt-br/pesquisa-opiniao-do-brasileiro-sobre-voluntariado>, acesso em dezembro de 2016.

Universidade, pelo Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho, sugerido pelo Programa para ser meu orientador.

Utilizando relatos de histórias de vida com entrevistas profundas dos personagens (ou sujeitos), as narrativas permitem uma compreensão ampla não apenas de suas biografias, mas também dos períodos históricos em que elas se situam e os fenômenos sociais ligados a elas.

A abordagem de narrativa biográfica proposta por Fritz Schütze a partir dos pressupostos teóricos da fenomenologia de Alfred Schütz – e cuja sistematização foi aprofundada por Gabriele Rosenthal – propõe uma perspectiva analítica para as interpretações subjetivas dos atores sociais. Esses atores são vistos como “indivíduos que interpretam os objetos com os quais estão confrontados a fim de localizar a si mesmos no mundo e, com isso, estabelecer seu próprio roteiro de ação e interpretação” (SANTOS, OLIVEIRA e SUSIN, 2014).

O método de narrativa biográfica – e todas as etapas que estão implicadas no processo – abre um grande leque de possibilidades de análise de fenômenos sociais. Através da reconstrução de trajetória de vida que o sujeito relata, levando em consideração toda sua vivência e bagagem cultural, familiar e de relações com outros indivíduos, se tem um panorama bastante amplo da história de vida, dos pontos decisivos de sua biografia e dos motivos que o levaram a fazer suas escolhas. Mais do que isso, o material que resulta desse tipo de estudo permite uma visão do mundo circundante do sujeito.

Cruzando essas possibilidades, nos deparamos com um complexo sistema de relevâncias, preferências e características do curso de ação desses sujeitos. A análise interpretativa desses dados nos permite, por exemplo, entender sistemas de motivações e níveis de engajamento em determinadas causas. A partir da perspectiva do sujeito, é possível reconstruir a realidade em que eles se situam e, com essa reconstrução (e não antes disso), traçar hipóteses para o objeto de estudo.

A análise de histórias de vida por meio das narrativas biográficas, nesse sentido, se mostra uma técnica possível (e, mais que isso, relevante) para o objeto de estudo neste curso de pós-graduação. Por meio da análise de entrevistas no método de narrativa biográfica realizadas em 2015 e 2016 com pessoas que desenvolvem, em seu dia a dia, atividades de voluntariado, pude

observar alguns aspectos que giram em torno do questionamento principal: que fatores de vida contribuem para que uma pessoa se engaje em atividades de voluntariado? O histórico familiar exerce algum tipo de influência nessas motivações? Qual ou quais os sentimentos que motivam essas pessoas ao engajamento?

Ao longo de todo o processo de produção do estudo, foram entrevistadas cinco pessoas. Como forma de fazer um recorte possível de análise, tornou-se relevante segmentar os personagens em voluntários que atuam de forma contínua e periódica dentro de um tipo específico de instituição. A opção por voluntários que atuam em instituições de saúde como hospitais, clínicas ou postos de saúde se deu pela disponibilidade de acesso a voluntários no hospital-escola da Universidade, bem como pela diversidade de atividades possíveis dentro de instituições de saúde como recreação, atividades laborais, momentos de escuta e atendimento religioso, por exemplo.

A partir da observação dos dados iniciais dessas entrevistas, contei com o auxílio de meu orientador para a escolha de um caso biográfico específico para ser feita a reconstrução e análise da história de vida: o caso de Lucas⁵. Entendo que, ainda que apenas um caso seja reconstruído em sua totalidade, a experiência de entrevistar outras pessoas e ter contato com outras motivações me ajudaram a ampliar as percepções e a geração de hipóteses para o caso escolhido.

Importante ressaltar, também, que a pesquisa faz a reconstrução de apenas um caso, mas a ação voluntária é uma atividade diversa, resultado de motivações bastante distintas, e esta investigação aprofunda o conhecimento sobre uma dessas motivações, de modo que outros estudos são relevantes como forma de aprofundar o conhecimento a respeito do engajamento voluntário em sua pluralidade e diversidade.

Antes, ainda, de fazer a reconstrução e análise da história de vida de Lucas, com o intuito de entender suas razões para engajamento ao voluntariado, é relevante que seja feita uma revisão da literatura sobre o tema. Após esta breve introdução, o segundo capítulo desta dissertação deve elencar alguns aspectos

⁵ Lucas é um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado. Durante a análise de sua entrevista, todas as referências a cidades e instituições também serão substituídas por nomes fictícios.

teóricos que vêm sendo utilizados pelos principais estudos da área.

O terceiro capítulo do trabalho tem o objetivo de mostrar aspectos teóricos e práticos do método de análise de narrativas biográficas. São diversos os autores que serviram de fonte teórica para esse tipo de análise – a dissertação vai se basear, em especial, na teoria sociológica de Alfred Schütz, uma das fontes teóricas mais relevantes para a elaboração da abordagem de narrativa biográfica proposta por Fritz Schütze e, posteriormente, sistematizada por Gabriele Rosenthal. Nesta sessão, serão inseridos dados coletados durante a entrevista com Lucas como forma de exemplificar a teoria exposta e já destacando algumas hipóteses sobre o tema.

O quarto capítulo apresentará a reconstrução da história de vida narrada por Lucas. Utilizará o material empírico coletado na entrevista biográfica para apontar algumas hipóteses possíveis para a análise das motivações para a vinculação no trabalho voluntário e/ou em grupos de voluntariado.

Acredito que, ao mapear as motivações de Lucas (e a partir da bagagem de conhecimento encontrada nas entrevistas anteriores), posso contribuir efetivamente para um melhor entendimento dos fatores que envolvem e motivam o voluntário em seu trabalho.

2 VOLUNTARIADO E ENGAJAMENTO: REVISÃO DA LITERATURA

Ao analisar diversos trabalhos acadêmicos que abordam, direta ou indiretamente, o voluntariado, percebi que as abordagens teóricas incluem referências ao desenvolvimento histórico do voluntariado e na conceituação da atividade voluntária. Considero relevante, aqui, fazer uma revisão dos autores e conceitos encontrados nesses estudos, pois eles contribuirão para o contexto da reconstrução do caso biográfico.

Este capítulo tem, portanto, o intuito de elencar as principais referências teóricas usadas nessas teses, dissertações e artigos. Posteriormente, serão expostas algumas perspectivas das Ciências Sociais, especialmente da fenomenologia, que serão utilizadas para a análise dos dados empíricos.

2.1 BREVE PANORAMA DAS ATIVIDADES DE VOLUNTARIADO NO BRASIL

Alguns fatos históricos ajudaram a desenhar o que é, hoje, o voluntariado no Brasil. As primeiras ações remetem aos primeiros anos de colonização no País. Domeneghetti (2001) cita que, já em 1542, foi fundada a Santa Casa de Misericórdia de Santos (no povoado de São Vicente, São Paulo), que desenvolvia ações voluntárias com padres e freiras, especialmente na assistência aos mais necessitados.

O caráter canônico das atividades de assistência prevaleceu durante séculos, no Brasil, deixando traços que ainda hoje encontramos no trabalho voluntário. Não é raro encontrarmos grupos que tenham vínculos à igreja cristã ou pessoas que têm na religiosidade⁶ a principal motivação de suas atividades voluntárias.

Foi somente na década de 1930 que esse cenário ganhou novos contornos. Surgiram as ações mais sistematizadas de voluntariado como um serviço social (Borba, 2001, p. 16), tendo como referência o serviço social europeu – a Igreja (em especial, a Católica), continuava cumprindo um importante papel nessas ações, mas agora também com iniciativas laicais.

⁶ Nas entrevistas biográficas feitas ao longo do curso de Mestrado, três, dos cinco entrevistados, fizeram referência à solidariedade como um dever cristão que justifica suas atividades de voluntariado.

Um marco importante ocorreu em 1935, com a criação da Lei 91, que normatizou as sociedades de utilidade pública. Em seu texto, definia: “São consideradas de utilidade pública as sociedades civis, as associações e as fundações constituídas no país com fim exclusivo de servir desinteressadamente à coletividade” (BORBA, 2001, p. 69).

De acordo com Araújo (2008, p. 31), foi nessa época que a assistência social no Brasil ganhou contornos mais bem definidos. O Estado Novo – regime implementado pelo então presidente Getúlio Vargas – tinha em seus preceitos uma maior preocupação com a pobreza e os trabalhadores, criando mecanismos como a Legião Brasileira de Assistência (LBA), em 1943, para promover ações de caridade e assistenciais. A LBA mantinha um programa específico de voluntariado, o Programa Nacional do Voluntariado (Pronav), que serviu de estímulo para a criação de programas como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), em 1961, para atendimento de pessoas com deficiência intelectual; da Pastoral da Criança, em 1983, para combater a mortalidade infantil; e da Campanha Contra a Fome e a Miséria, em 1993.

Essa movimentação acabou refletindo, também, no âmbito do trabalho. Borba (2001, p. 50) cita a criação da Carta de Princípios dos Dirigentes Cristãos das Empresas, alguns anos mais tarde, em 1965, como um marco da preocupação social do empresariado em um cenário de crise mundial e iniciativas de defesa, qualificação e valorização do trabalhador em diversos países do mundo.

Em 1975, o Decreto 76.900⁷, instituiu a obrigatoriedade de um relatório com ênfase nos aspectos sociais e humanos das empresas, a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Ainda que não faça referência direta ao voluntariado, esse decreto mostra um esforço do Estado em um aporte intervencionista, dando um caráter institucional à atenção das empresas com as questões sociais.

A criação de programas de assistência (como a LBA) e de obrigatoriedades empresariais (como a RAIS), são iniciativas que, ao mesmo

⁷ O decreto, assinado pelo então Presidente da República Ernesto Geisel, dispunha, entre outros itens: “Art 1º : Fica instituída a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, a ser preenchida pelas empresas, contendo elementos destinados a suprir as necessidades de controle, estatística e informações das entidades governamentais na área social.”

tempo em que geravam uma desvinculação das atividades voluntárias com a Igreja, criavam uma vinculação das ações sociais aos programas de governo.

Somente anos mais tarde, com a redemocratização da década de 80, a sociedade passou por um importante processo de mudança, especialmente no que diz respeito à participação da sociedade civil. O cenário de reorientação política e econômica pelo neoliberalismo, com drástica redução de investimentos na área social pelo Estado, deixa essa preocupação a cargo do setor privado ou dos próprios beneficiários. Com isso, fortaleceram-se grupos de trabalhadores, sindicatos e associações.

Para além disso, Meister (2003) ressalta o fortalecimento também do voluntariado, nesta mesma época. O autor afirma que “o voluntariado surge como uma resposta a essa mudança, pois busca diminuir as necessidades, especialmente dos que estão fora da economia de mercado” (MEISTER, 2003, p. 100-101).

Bonfim (2010, p. 45) afirma que, visto como uma saída para os problemas sociais, o voluntariado cresce, no Brasil, na mesma proporção em que cresce o desemprego, a miséria, a precarização das relações trabalhistas e o aumento do trabalho infantil. Para o autor, o incentivo e crescimento das atividades voluntárias no Brasil não se dá pelo amadurecimento e sensibilização da sociedade civil, da consciência cidadã ou do fortalecimento da democracia, mas sim por um contexto econômico, político e ideológico.

É possível, no entanto, perceber que foi esse contexto de redemocratização que se desenhou no Brasil em meados dos anos 80 e 90, que despertou no brasileiro uma consciência cívica, a relevância da cooperação e os vínculos de confiança (para além de seus núcleos familiares ou de trabalho). Robert Putnam (1996) estudou a relação entre as práticas sociais e o desenvolvimento democrático. Ele explica a virtude cívica como uma busca perseverante ao bem público em detrimento de todo interesse individual e particular. Para o autor:

os cidadãos da comunidade cívica não têm que ser altruístas. Mas na comunidade cívica os cidadãos buscam o que Tocqueville chamava de “interesse próprio corretamente entendido”, isto é, o interesse próprio definido no contexto das necessidades públicas gerais, o interesse próprio que é “esclarecido” e não “míope”, o interesse próprio que é sensível aos interesses dos outros. (PUTNAM, 1996, p. 99)

Nesse mesmo sentido, analisa que as associações civis têm papel relevante para a estabilidade do governo democrático – não apenas pelos efeitos que provocam nos indivíduos, dentro dos grupos, mas também para os efeitos que provocam sobre a sociedade. Para o autor, “os membros das associações têm mais consciência política, confiança social, participação política e *competência cívica subjetiva*” (PUTNAM, 1996, p. 101). Esse processo é realimentado constantemente.

Assim, foi possível perceber uma mudança de perfil das atividades voluntárias. Se até a redemocratização elas eram baseadas no assistencialismo e na caridade, o contexto político e social do país – especialmente a falta de atenção do governo com as questões sociais – e o crescimento econômico (com o conseqüente incremento das diferenças sociais) transformou, também, a forma de se fazer voluntariado. Bonfim (2010, p. 81) afirma que a história do voluntariado no Brasil tem dois momentos bem distintos: o do passado, baseado no assistencialismo e paternalismo e desenvolvido especialmente por instituições ligadas à Igreja, e aquele a partir da década de 1990, que tem como principal objetivo o combate à exclusão social e perpassa por diversos setores da sociedade.

Com foco mais na qualificação profissional, na educação e na saúde (especialmente na prevenção), o voluntariado cresceu não apenas em grupos autônomos, mas também no empresariado. Isso se deu em ações que vão desde um apoio informal às atividades de voluntariado fora do horário de trabalho até a criação de programas específicos e realizados durante a jornada de trabalho, com recursos da própria organização.

Uma pesquisa realizada em 2012 pelo Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial (CBVE)⁸ mostrou que as empresas privadas são as maiores promotoras de voluntariado no Brasil, com 81% de representatividade. A pesquisa também revelou que um dos principais motivos pelos quais as empresas incentivam seus colaboradores a realizarem voluntariado é o desenvolvimento social da comunidade localizada ao redor da empresa (50,7%),

⁸ CBVE é uma rede de empresas, institutos e fundações empresariais que desenvolvem programas de voluntariado empresarial com o objetivo incentivar, qualificar, fortalecer e disseminar o trabalho voluntário nas empresas associadas. As informações da pesquisa estão disponíveis no site <http://www.cbve.org.br/>. Acesso em Dezembro de 2015.

seguido do desejo da empresa em ter uma boa imagem para a comunidade (46,4%). A contribuição para uma “cultura interna de cidadania” representa 43,5% das preocupações do empresariado.

Nesse universo, também chama atenção a natureza das ações de voluntariado: 70,77% refere-se à educação, 60% à assistência social, 58,46% à meio ambiente e 44,62% à capacitação profissional. Resultados que corroboram a perspectiva de mudança de perfil das atividades de voluntariado ao longo dos anos. Claro que não se pode ignorar os resultados que fazem referência à assistência social, mas é notável a preocupação em mudar o perfil assistencialista das atividades para ações que, efetivamente, qualifiquem as pessoas em situação de exclusão social, econômica e educacional, entre outros.

Outro marco relevante para o desenvolvimento do voluntariado no Brasil foi a criação da Lei 9608⁹, de 1998, que normatizou o serviço voluntário no país. De acordo com a norma (já com a nova redação de 2016), é voluntária qualquer “atividade não remunerada prestada por pessoa física, entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não-lucrativos e que tenham objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa”. Também determina que a atividade voluntária não pode ser remunerada e não gera vínculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

A normatização que o voluntariado recebeu após 1998 ajudou a impulsionar ainda mais as atividades. Em 2001, com a instituição do Ano Internacional do Voluntariado pela ONU, formou-se um comitê brasileiro para gerir as ações. Uma prova dessa ascendência do trabalho voluntário no Brasil está nos números já citados do *World Giving Index*, que tem mostrado o crescimento da atividade de voluntariado no Brasil.

Em 2014, o índice revelou que éramos o 8º país do mundo, em números absolutos, no engajamento de voluntários, representando um contingente de 18 milhões de pessoas. Esse número cresceu para 21 milhões de pessoas em 2015 e, em 2016, chegou a 29 milhões de pessoas – e a 5ª colocação em um ranking de 135 países. Ao traçarmos um comparativo com a população do País (dados

⁹ Consultada no site do Governo do Brasil, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9608.htm acesso em janeiro de 2017.

do Portal do Governo Federal¹⁰), é possível observar que o crescimento do número relativo de voluntários também cresceu. Em 2014, 8,87% da população brasileira realizou atividades de voluntariado – índice que subiu para 10,27% em 2015 e 14,07% em 2016.

2.2 A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO VOLUNTARIADO

Na busca por trabalhos acadêmicos que abordassem o voluntariado, deparei-me com uma diversidade de áreas do conhecimento que se interessam pelo tema, entre elas as Ciências Sociais (ainda que em menor número). As referências com base em teorias sociológicas, nesses trabalhos, buscam nos autores clássicos como Hegel, Marx e Gramsci, a base para explicar a sociedade civil como pano de fundo para o desenvolvimento do voluntariado. Também abordam temas como capital social (nas teorias de Putnam) e terceiro setor – já citado na introdução desse trabalho.

As abordagens do voluntariado feita por esses autores são relevantes, no entanto têm reiteradamente deixado de fora a perspectiva do sujeito que se engaja e executa a atividade voluntária. A opção foi buscar um método que desse conta de preencher essa lacuna nos estudos encontrados sobre o voluntariado – que têm foco nas instituições em detrimento da compreensão das motivações individuais para se engajar nas atividades voluntárias

Na busca por mapear as motivações dos voluntários em suas atividades, considero relevante compreender como as pessoas vivem, percebem, pensam e sentem suas experiências. Para isso, utilizarei como base teórica a fenomenologia. Bernardes (1991), explica que a fenomenologia enfoca processos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida.

Utilizarei, em especial, a teoria sociológica de Alfred Schütz. O austríaco aparece como uma das fontes teóricas mais relevantes para a elaboração da abordagem de narrativa biográfica, que utilizarei na análise dos dados. Essa abordagem foi proposta, inicialmente, por Fritz Schütze e, posteriormente,

¹⁰ Disponível em www.brasil.gov.br/infraestrutura/2016/08/populacao-brasileira-cresce-0-8-e-chega-a-206-milhoes. Acesso em 01/03/2017

desenvolvida metodologicamente por Gabriele Rosenthal (SANTOS, OLIVEIRA e SUSIN, 2014).

Schütz orientou sua obra a partir da fenomenologia, produzindo trabalhos na área da sociologia do conhecimento. Para ele, toda e qualquer narrativa consiste em uma interpretação que se dá a partir de uma situação biográfica específica. É uma descrição de processos e experiências, feita pelo próprio indivíduo que as vivenciou, por meio da forma como interagem com seus estoques de conhecimento, suas relevâncias e atribuições de sentido. Para o autor:

nas diferentes construções da realidade cotidiana, eles (os indivíduos) já contam com esse mundo preordenado e pré-interpretado, e são objetos ideais desse tipo que determinam suas formas de comportamento, definem os objetivos de suas ações e prescrevem os meios para a realização dos mesmos – em suma: eles auxiliam as pessoas em seu mundo circundante natural e sociocultural a encontrar seus meios de vida e a se familiarizar com esse mundo. (SCHÜTZ, 1971 *apud* ROSENTHAL, 2014a, p. 50)

Nesse contexto, o autor trabalha com a ideia de construções cotidianas e afirma que é tarefa do sociólogo mapear a forma como esses agentes do cotidiano constroem sua realidade, vivenciam e interpretam o mundo no qual vivem e quais métodos de comunicação utilizam. Segue afirmando que a realidade social surge a partir dos processos de interação – mas, esses, independem da interpretação que os agentes fazem dessas situações. As interpretações, ou atribuições de sentido, é que são formadas a partir das experiências de vida do agente.

Percebo, nesse sentido, que a experiência de voluntariado está fortemente relacionada ao cotidiano dos sujeitos, sua forma de interagir com o mundo e as pessoas que os cercam, bem como da interpretação que fazem da realidade e de seu estoque de conhecimento. As reconstruções que esses sujeitos fazem ao narrar suas vidas, portanto, tornam possível o processo de compreensão, pelo pesquisador, de seus motivos para determinada escolha de curso de ação.

Diante dessas percepções, Rosenthal (2014a) cita Dorothy Swaine Thomas que, em 1928, viria a definir um dos teoremas mais importantes da pesquisa social interpretativa: “Sempre que uma situação for definida pelo indivíduo como real, ela será, em suas consequências, real” (da obra *The Child*

in America). Nesse sentido, as percepções do sujeito a respeito de suas experiências acabam gerando consequências (atitudes, percepções, decisões) que interferem diretamente na sua trajetória de vida. Tem-se, nessa perspectiva, uma afirmação da relevância em se analisar as perspectivas dos atores de suas próprias vidas e trajetórias.

Importante citar, também, Berger e Luckman (1985), que abordam essa descrição como construção social da realidade – descrição do mundo empírico, da interação com o outro e de linguagem. Para os autores, a sociedade é uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, entendida como um processo dialético de exteriorização, objetivação e interiorização. Nesse sentido, a sociedade pode ser considerada realidade subjetiva no momento em que a socialização é o processo pelo qual ocorre a interiorização da realidade.

Daniel Bertaux (2014, p. 251) cita a obra *A construção social da realidade* de Berger e Luckmann como “revolucionária” pois, a partir dela

os sociólogos começaram a compreender que as atividades dos membros de uma sociedade, não apenas coletivamente, mas individualmente, em sua ação, não somente instantânea (seu comportamento), mas na *durée*, contribuem fortemente para orientar o destino desta sociedade.

Com isso, os autores ajudaram a fragilizar a visão cientificista de que os cursos de ação na *durée*¹¹, não possuem relevância na sociologia – ou que a análise de casos isolados não seria relevante para o entendimento amplo do assunto. Nesse sentido, a experiência pessoal de um voluntário, por exemplo Lucas, se torna relevante para entender não apenas como se dá a opção pelo voluntariado em sua trajetória de vida – mas também para buscar indicativos das razões pelas quais as pessoas optam, de forma ampla, pelo voluntariado.

No próximo capítulo, será feita uma revisão metodológica sobre as narrativas biográficas, descrevendo suas etapas, bem como demonstrando a relevância desse tipo de abordagem para o tema proposto nessa dissertação, o voluntariado.

¹¹ Conforme Giddens (2009), a *durée* é um fluxo contínuo de conduta que não pode ser retirado do contexto de espaço-tempo em que é desenvolvida

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Os relatos orais têm sido, desde o início do século passado, uma importante ferramenta para as Ciências Sociais, no que toca à compreensão de diversos aspectos da realidade social, por meio de personagens nela inseridos. Ainda que estejam disponíveis diversas técnicas e ferramentas para essa coleta de dados, de acordo com Santos, Völter e Weller (2014), é ponto comum que obter esses dados diretamente com o sujeito, por meio de entrevistas, é uma forma eficiente de verificar aspectos diversos de uma realidade pesquisada.

Nesse sentido, se torna relevante a utilização do método de relatos de histórias de vida, com entrevistas profundas desses personagens (ou sujeitos), para uma compreensão ampla não apenas de suas biografias, mas dos períodos históricos em que elas se situam e dos fenômenos sociais mais relevantes em seu entorno.

A revisão teórica e metodológica que será feita neste capítulo tem o objetivo de ressaltar a relevância do método interpretativo da realidade por meio das narrativas dos sujeitos. Em especial, trará a importância do método de narrativa biográfica para uma maior compreensão dos fenômenos sociais, com atenção especial ao voluntariado. A partir do aporte teórico, será descrito, também, o método de análise proposto por Schütze e Rosenthal.

3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O MÉTODO

Antes de descrever o método de *narrativas biográficas*, é importante retomar algumas teorias que embasam a relevância desse tipo de análise. É preciso considerar que se trata, sobretudo, de uma pesquisa do tipo social qualitativa e interpretativa. Difere-se do método quantitativo especialmente por não estar interessada em verificar a frequência com a qual ocorrem determinados fenômenos sociais, mas que tomam por base uma lógica da descrição microscópica ou densa (ROSENTHAL, 2014a).

Nesse sentido, utiliza a lógica da generalização, da descoberta e da verificação de hipóteses geradas ao longo da investigação do caso particular.

Assim, considerando o horizonte dos estudos qualitativos, é possível diferenciar entre interpretações que se referem à frequência de

ocorrência conjunta de fenômenos sociais e aquelas voltadas à reconstrução de relações causais a partir de caso concreto; entre aqueles que seguem uma lógica da verificação e os comprometidos com a descoberta de hipóteses; e identificar se seus instrumentos de levantamento e análise oferecem abertura ou não. (ROSENTHAL, 2014a, p. 20)

Nesta dissertação, a abordagem segue uma lógica de pesquisa reconstrutiva e interpretativa, através de autores que optam pela ciência social compreensiva, como o interacionismo simbólico. Rosenthal (2014a) cita, por exemplo, Fritz Schütze, que denomina de pesquisa social comunicativa; Ralf Bohnsack, que chama de reconstrutiva; e Thomas Wilson, que adota a terminologia de pesquisa social interpretativa. Este último autor defende que, em uma análise social interpretativa, o sujeito aparece também como um produtor da realidade social a partir da interação que produz, nele, com seus pares.

O estudo de biografias, segundo Rosenthal (no prelo, p. 7), vem se firmando como um meio de estruturação social relevante e necessário. Para a autora, “a biografia, enquanto construto social, isto é, como realidade social de característica própria, se torna o objeto mesmo da análise sociológica”. Ela sugere que o método narrativo consolida-se, nesse sentido, como método de pesquisa sociológica, representando uma solução para o impasse do dualismo entre indivíduo e sociedade.

Importante ressaltar que, ao optar pelo estudo de uma biografia específica para analisar as razões pelas quais existe o engajamento ao voluntariado, não estou optando por um estudo de caso. Ao considerar a biografia como uma formação social que constitui tanto a realidade onde ela está inserida como os mundos de experiência e vivência dos indivíduos, chego a respostas a uma das questões apontadas como fundamentais, na sociologia, por Rosenthal (no prelo, p. 7): “a relação entre indivíduo e sociedade”.

À luz de conceitos da fenomenologia, a autora explica que isso ocorre porque, ao ter contato com uma exposição autobiográfica, tem-se acesso não apenas ao processo biográfico de interiorização do mundo social da pessoa, mas também à integração das experiências biográficas no estoque de conhecimento e, conseqüentemente, à constituição de um conjunto de experiências que nos permite compreender o mundo social em que ela está inserida. Nesse sentido, a autora afirma que “a visão geral biográfica corresponde a um mecanismo que

atua de forma latente e que determina tanto o olhar ao passado como também as ações atuais e os planos para o futuro” (ROSENTHAL, no prelo, p. 8).

O método de narrativa biográfica traz, portanto, uma perspectiva analítica para as interpretações subjetivas dos atores sociais. Rosenthal (2014a), afirma que o método é marcado por um forte panorama interpretativo, ou seja, em seus relatos, os agentes ganham relevância na reconstituição dos sentidos subjetivos e latentes da realidade nas quais estão inseridos.

Ao narrar sua biografia, esses sujeitos tomam consciência de sua biografia e tornam-se intérpretes da realidade social. Além disso, tornam-se, conforme cita Arthur Parsons (*apud* SANTOS, OLIVEIRA e SUSIN, 2014, p. 377), agentes conscientes e responsáveis pela adoção de códigos normativos na interpretação da realidade social que a circundam.

A forma como o passado biográfico aparece no presente foi analisado nos trabalhos de Schütze (1981 e 1984). O autor conseguiu mostrar a correspondência entre as estruturas do relato e do vivenciar, entre as estruturas da sedimentação de experiência e da construção do relato – não de forma a equiparar, mas sim de reconstruir as características comuns e as diferenças estruturais.

Rosenthal afirma que a biografia vivenciada não pode ser compreendida como algo imutável, pois depende da perspectiva, das memórias e do humor do autobiógrafo.

Partimos, sobretudo, da hipótese de que a história de vida narrada constitui-se na inter-relação entre aquilo que se manifesta à consciência na situação do vivenciar e ao ato da percepção, entre as vivências formalmente sedimentadas e tornadas imagens pela memória e ao ato de voltar-se a ela no tempo presente do relato. Nesse sentido, história de vida narrada e biografia vivenciada encontram-se em relação recíproca de constituição. (ROSENTHAL, no prelo, p. 14)

Essa perspectiva fica evidente logo na forma como os dados são coletados pelo entrevistador, quando é dado ao entrevistado espaço para que desenvolva seu fluxo de pensamento e forma de narrar, sem interrupções. Rosenthal (2014a, p. 59) ressalta três características da aplicação do princípio de abertura em uma pesquisa biográfica: a utilização de pesquisas abertas, a construção de hipóteses ao longo do processo de investigação e o desenvolvimento de formas de verificação teórica ao longo do desenvolvimento

da pesquisa. Para a autora, o princípio da abertura, como método, “significa desenvolvê-lo da forma mais livre possível, ao invés de buscar estruturá-lo de acordo com nossos pressupostos” (ROSENTHAL, 2014a, p. 61).

O princípio da abertura e a inexistência de hipóteses prévias possibilitam ao pesquisador deparar-se com o inusitado e desconhecido. Como bacharel em jornalismo e repórter por ofício, posso perceber essa amplitude de possibilidades como uma grande vantagem ao pesquisador. Em geral, as entrevistas (sociológicas ou jornalísticas) acabam por engessar-se em uma série de preconceções e orientações de tema que acabam, por vezes, orientando as informações fornecidas pelo próprio sujeito. Esse princípio ajuda a fazer uma quebra às preconceções do pesquisador, relacionadas à sua experiência pessoal e acadêmica.

A abertura reflete diretamente na análise dos dados, já que a interpretação de cada parte narrada exige o desenvolvimento de hipóteses sobre aspectos funcionais de cada parte para a forma geral. Para Rosenthal (no prelo, p. 23), ao projetarmos a totalidade partindo de uma parte, “podemos chegar ao todo a partir da percepção desse componente particular [...], assim, parte e todo constituem suas qualidades, de maneira recíproca”.

Diante dessas opções, Rosenthal (2014b, p. 228) afirma que, a partir de uma pesquisa biográfica, é possível perceber “padrões interpretativos atuais ou perspectivas subjetivas dos agentes no cotidiano” e, ainda, perceber o universo social com o qual ele se relaciona. Cita ainda que, quando o pesquisador se envolve em uma narração de histórias espontânea, acaba por se envolver em um fluxo de recordação que possibilita uma proximidade com o passado vivenciado pelo sujeito que narra.

Na sociologia, fazemos uso, na pesquisa biográfica, desse fenômeno da proximidade crescente do autobiógrafo com o passado vivenciado que é desencadeada pelo processo narrativo e recordativo com a técnica – apresentada por Fritz Schütze (1976) já na década de 1970 – da entrevista narrativa biográfica, que já foi testada e aprofundada não só em contextos temáticos muito diferentes, mas também em contextos geográficos muito distintos. Com a técnica da entrevista narrativa solicitamos aos entrevistados sequências narrativas mais longas e procuramos apoiá-los no processo de narração e recordação. (ROSENTHAL, 2005 *apud* ROSENTHAL, 2014b, p. 231)

Partindo do pressuposto de que o cientista social é um observador/estudioso de um mundo desde sempre interpretado dentro de um

sistema de relevâncias em que o indivíduo se insere, cabe ao pesquisador analisar a forma como esses indivíduos vivenciam e interpretam o mundo.

Há, nesse sentido, diversas formas de fazer recortes e analisar as perspectivas dos indivíduos, relacionando informações fornecidas pelo objeto de estudo com seus estoques de conhecimento e vivências. No próximo item, veremos o passo a passo da metodologia proposta por Schütze e aperfeiçoada por Rosenthal, que prevê a realização de entrevistas longas e profundas para, a partir de uma amostra, fazer uma generalização teórica e, por meio de comparações de casos, construir um modelo teórico.

Para as entrevistas desse estudo, foram cumpridos os procedimentos definidos para esse tipo de abordagem, sendo que uma delas – a de Lucas – foi analisada de forma completa. Ao descrever o método, serão abordados alguns aspectos relevantes de cada uma das etapas da entrevista (pergunta inicial, perguntas narrativas internas e perguntas externas) e de análise dos dados coletados – todos esses itens serão ilustrados com alguns dados empíricos da entrevista do voluntário Lucas, para facilitar o entendimento da metodologia e auxiliar a compreensão da análise dos dados que será feita no próximo capítulo.

3.2 A ENTREVISTA NARRATIVA DE LUCAS

A ideia de obter relatos longos e formulados a partir da perspectiva da história de vida permeia a metodologia da entrevista narrativa. Estimulado por uma pergunta inicial e aberta, o entrevistado tem liberdade para narrar aspectos de sua vida (aqueles que ele estiver disposto a comentar), dentro de um fluxo constante, sem interrupções por parte da entrevistadora.

De acordo com Rosenthal (2014a, p. 184), esse procedimento possibilita que o entrevistado articule, de forma livre, suas próprias experiências, o seu ponto de vista sobre sua história de vida a partir do seu sistema de relevâncias. Santos (2012) explica que o sistema de relevância é orientado pelos interesses do indivíduo, quando os elementos de determinada situação vivida são suficientemente familiares a ele.

O estímulo para que o entrevistado faça uma narrativa possibilita que sejam recriados, posteriormente, cursos de ação e uma reconstrução da vivência dos acontecimentos. A autora exemplifica como essa pergunta pode ser feita:

Pedimos que nos conte sobre a sua história de vida (e também sobre a história de sua família), que nos faça um relato de todas as experiências que venham à mente. Você pode utilizar o tempo que for necessário. No início eu não vou fazer nenhuma interrupção, vou apenas tomar notas, para mais tarde retomar alguns temas. Caso você não disponha de tempo suficiente hoje, podemos marcar uma segunda entrevista. (ROSENTHAL, 2014a, p. 192-193)

Ao fazer o contato inicial com o entrevistado, por e-mail, foi informado que o tema principal da pesquisa era o voluntariado, esse tema não foi citado na pergunta para não direcionar as respostas e deixar claro que o interesse da entrevista é na vida do entrevistado como um todo. Nesse sentido, a pergunta inicial foi feita da seguinte forma:

Entrevistadora: então Lucas eu queria que, nesse primeiro momento assim da nossa conversa, tu narrasse a tua história de vida – começando do começo mesmo do teu nascimento, da tua infância. Queria que tu narrasse desde tuas primeiras memórias que tu tem, de vida.

O momento posterior à solicitação do relato não é interrompida pelo entrevistador, no máximo com manifestações paralinguísticas como “hum” e “aham”, pelo contato visual ou, ao perceber que a narração está travada com expressões como “o que aconteceu em seguida?”. Esse relato pode durar minutos ou até horas e, durante esse período, o pesquisador escreve anotações “tomando sempre como referência o sistema de relevâncias e as experiências do entrevistado, com vistas, assim, ao desenvolvimento de um roteiro para a fase de aprofundamento” (ROSENTHAL, 2014a, p. 195).

Somente em uma segunda etapa é que o entrevistador instiga o entrevistado a retomar os temas já abordados, com a intenção de sanar alguma dúvida ou obter maior detalhamento ou narrativas em assuntos que tenham sido abordados de forma superficial ou descritivas. Nesse contexto, foram feitos alguns questionamentos como:

Entrevistadora: bem tu veio de uma trajetória lá da tua infância né passou pela tua adolescência pela tua formação, acadêmica né, teu trabalho e tudo mais mas algumas coisas eu queria confirmar contigo algumas datas que são importantes pra eu poder fazer um mapa né da tua história e alguns aspectos que eu queria que tu aprofundasse um pouquinho mais pra mim pode ser.

Lucas: pode ser.

Entrevistadora: Tu nasceste em que ano Lucas?

Lucas: Eu nasci em 63.

(...)

Entrevistadora: então eu vou aprofundar algumas coisas que são relevantes¹², que de repente na hora de contar tua trajetória tu tenha passado batido mas que pra mim é importante pra eu entender algumas relações. Tu tens tem uma irmã né?

Lucas: uma irmã mais velha.

Entrevistadora: e o que tu pode me falar a respeito da tua relação com ela, ou de passagens da tua vida com ela, que sejam significativas?

Nessa fase, é respeitada a sequência das anotações, tendo como referência a estrutura temporal e temática desenvolvida pelo entrevistado. Esgotados esses temas e, em um último momento, o entrevistador tem a liberdade de questionar sobre aspectos que não tenham sido mencionados até aquele momento. Os relatos, independente do campo temático de investigação empírico, explica Rosenthal (2014a, p. 185) citando Schütze (1983), devem cobrir toda a história de vida da pessoa para, com isso, ser possível a observação de “domínios ou fases de vida em sua relação com o contexto de vida mais amplo e em sua gênese”.

Nesse tipo de investigação, é importante a construção de notas de campo, os *memorandos*. Eles descrevem desde o contato inicial com o entrevistado, passando pela situação da entrevista e a coleta de dados externa à entrevista (material de arquivo, registros, documentos, fotografias). Rosenthal (2014a, p. 110) ressalta a relevância do memorando (memo) expondo que ele “reúne informações retiradas de encontros não registrados em áudio ou em vídeo, mas também da entrevista gravada”. O Anexo A deste trabalho traz o exemplo de como foram estruturadas essas memórias na entrevista de Lucas.

3.3 RECONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

O próximo passo, após a coleta dos dados, é fazer uma análise dos dados biográficos seguindo a metodologia sugerida por Gabriele Rosenthal, que prevê quatro etapas.

São analisados inicialmente os dados que praticamente não estão vinculados às interpretações do biógrafo na sequência temporal dos acontecimentos na trajetória de vida dele. Esses dados são tirados da entrevista transcrita bem como de todas as outras fontes disponíveis. (...)

¹² A entrevistadora fez uso dos termos relevantes e significativas, como forma de estimular as recordações do entrevistado. No entanto, é importante ressaltar que esse não é o procedimento mais adequado, uma vez que pode influenciar as respostas do entrevistado. O ideal, nesse caso, seria apenas estimular que ele contasse histórias de sua relação com a irmã.

Dados históricos ou sociopolíticos que poderiam ser relevantes para o caso também são integrados nessa lista de dados, e os dados biográficos são inseridos no respectivo contexto histórico. (ROSENTHAL, 2014b, p. 235)

Citando Schütz, a autora afirma que nos processos de construções da ciência social o pesquisador deve voltar-se, primeiramente, aos sistemas de relevância do sujeito (que ele chama de agente cotidiano), deixando de lado suas próprias relevâncias.

A transcrição e análise reconstrutiva da entrevista não são abordadas com categorias pré-definidas, nem submetidas a teste de hipóteses com o objetivo de decodificar o significado da experiência biográfica. Primeiramente, se submete o material a uma análise sequencial caracterizada, principalmente, pela interpretação.

A partir dos dados biográficos vivenciados – e narrados – pelo entrevistado, Rosenthal (2014b) explica que o pesquisador passa, então, a proceder com a formulação de hipóteses sobre as possíveis implicações de cada um desses acontecimentos. Com essas hipóteses consegue traçar trajetórias possíveis para os entrevistados.

De posse desta reconstrução, o pesquisador se vale do conceito de dialética constituinte entre o individual e o geral – isso explica a ideia de que o geral está, por princípio, implicado no particular. Rosenthal (2014a, p. 90) afirma que cada caso que remonta à realidade social “esclarece algo sobre a relação entre o geral e o individual. Ele tem origem no geral e é, assim, também parte do geral”.

3.3.1 Análise dos dados biográficos

Essa primeira etapa leva em consideração a história de vida vivenciada do entrevistado e – pelo menos momentaneamente – deixa de lado o tema central da pesquisa. É o primeiro passo analítico e quando, efetivamente, o pesquisador começa a trabalhar com hipóteses. Os dados biográficos são elencados e tomados individualmente, desconsiderando interpretações do entrevistado, bem como o conhecimento prévio do entrevistador sobre etapas seguintes de vida do personagem. A partir deles, “projetamos, de forma

especulativa, os problemas relacionados à ação resultantes daí, assim como as alternativas disponíveis a ele naquela situação” (ROSENTHAL, 2014a, p. 227).

Com isso, busca-se ter um acesso mais amplo das possibilidades de sentido que, em geral, estão disponíveis nas entrelinhas ou em estruturas de sentido latentes. Também auxilia a manter um distanciamento interessante do tema central da pesquisa e, com isso, “assumir uma postura mais crítica com relação à origem dos dados para que não enxerguemos na satisfação de determinada necessidade de expor um aspecto específico” (ROSENTHAL, 2014a, p. 229)

Para cada um dos dados, são desenvolvidas hipóteses e sub-hipóteses (que derivam umas das outras), sobre continuidades possíveis para cada possibilidade elencada, reduzindo o horizonte de possibilidades (até então bastante amplo) até que determinada hipótese esteja resolvida. A tabela a seguir traz, como exemplo, a formulação de hipóteses a partir de um dado biográfico de Lucas, o seu nascimento.

É importante lembrar que as hipóteses e sub-hipóteses são desvinculadas do tema principal que a pesquisadora pretende analisar (no caso, o voluntariado). Cada dado biográfico será identificado com um número (1, 2, 3...) e as sub-hipóteses seguem a lógica sequencial (1.1, 1.2, 1.3, 1.3.1, 1.3.2...).

Tabela 1 – Dados biográficos de Lucas/formulação de hipóteses

Dado Biográfico-Histórico
<i>Hipóteses</i>
Dado biográfico de Lucas
1. 1963 - Lucas nasce em Pádua e compõe um núcleo familiar pequeno: pai, mãe e irmã. A família é estável financeiramente – a mãe é professora e o pai engenheiro concursado da prefeitura.
Hipóteses e sub-hipóteses
1.1 A família é bastante unida e compartilha o dia a dia de forma harmônica
1.1.1 O núcleo familiar influenciará nas escolhas profissionais e pessoais de Lucas ao longo de sua vida
1.1.1.1 Lucas seguirá o mesmo caminho profissional que seus pais
1.1.1.1.1 Lucas manterá um vínculo muito próximo aos pais e irmã ao longo de sua vida
1.1.1.1.1.1 Lucas acolherá seus pais, na velhice
1.1.1.1.2 Apesar da trajetória de vida parecida, Lucas acaba se afastando dos pais na velhice deles
1.1.1.1.2.1 Lucas perde contato com os pais, que acabam em uma casa de repouso durante a velhice

- 1.1.1.1.3 Lucas reconhecerá similaridades entre o modo de vida dele e de seu núcleo familiar ao longo de sua trajetória
- 1.1.1.1.3.1 Lucas acolherá seus pais, na velhice
- 1.1.2 Lucas constrói um núcleo familiar parecido com o que tinha na sua infância e adolescência
- 1.1.3 Apesar da influência, Lucas constrói um núcleo familiar totalmente diferente do que tinha em sua infância e adolescência

- 1.2 A família vive uma relação conflituosa
- 1.2.1 Lucas não tem um bom diálogo com seus pais
- 1.2.1.1 Lucas rompe com os pais logo na adolescência e sai de casa
- 1.2.1.1.1 Lucas escolhe caminhos pessoais e profissionais opostos aos dos pais
- 1.2.1.1.1.1 A trajetória de vida de Lucas se dá de forma distante dos pais
- 1.2.1.2 Lucas casa-se e reproduz o relacionamento familiar em seu novo núcleo
- 1.2.1.3 Lucas casa-se e forma um núcleo familiar totalmente oposto ao que teve durante sua infância e adolescência
- 1.2.2 Lucas mantém-se afastado do núcleo familiar, ainda que convivendo no mesmo espaço
- 1.2.2.1 Lucas isola-se do núcleo familiar e isso influencia diretamente em suas relações pessoais ao longo da vida
- 1.2.2.1.1 Lucas tem dificuldades em manter uma relação estável com outras pessoas
- 1.2.2.1.1.1 Lucas não casa nem tem filhos
- 1.2.3 Lucas tem um bom relacionamento com os pais mas não consegue estabelecer harmonia com a irmã
- 1.2.3.1 Lucas e a irmã traçam caminhos diferentes de vida e não têm convivência ao longo da vida adulta
- 1.2.3.2 Lucas e a irmã conseguem superar as diferenças após a saída da casa dos pais
- 1.2.3.3 A irmã de Lucas tem ciúmes dele
- 1.2.4 Lucas e a irmã mantêm uma relação de proximidade, apesar do relacionamento conflituoso com os pais
- 1.2.4.1 Lucas e a irmã unem-se para tentar superar a dificuldade de relacionamento com os pais
- 1.2.4.2 Lucas e a irmã sucumbem à relação conflituosa que enfrentam em casa e traçam caminhos de vida diferentes

A análise desses dados biográficos amplia os horizontes de significados possíveis e prepara o campo para a etapa final de análise, quando as hipóteses sobre cada informação referente à história de vida são contrastadas com as falas do entrevistado.

3.3.2 Análise de texto e do campo temático

O objetivo dessa etapa é mapear os motivos que levaram o entrevistado a relatar os acontecimentos da maneira que foi feita e não de outra forma, seja consciente de suas intenções ou de forma latente. Aqui, a intenção é investigar os mecanismos de escolha dos temas abordados, sua estruturação e como eles se relacionam entre si – que ajuda a entender como o entrevistado estrutura suas vivências de acordo com cada tema e evita outros enquadramentos.

Tendo em vista que a escolha de determinado tipo de texto para a articulação de uma experiência não é feita por acaso, e que essa articulação pode ser realizada tanto na forma de relato detalhado como também de uma breve menção, de descrição ou de argumentação, é possível formular hipóteses sobre sua funcionalidade a partir de cada caso concreto. (ROSENTHAL, 2014a, p. 237-238)

Esse mapeamento inicia com o sequenciamento da entrevista, na ordem em que ela é apresentada. Rosenthal (2014a, p. 238) explica que o sequenciamento é determinado por trocas de falante, mudanças no tipo do texto e no conteúdo.

A partir desse sequenciamento, são formuladas hipóteses tomando como referência seis critérios:

1. Por que esse conteúdo é introduzido nesse momento da entrevista?
2. Por que esse conteúdo é apresentado com esse tipo de texto?
3. Por que esse conteúdo é apresentado com esse grau de detalhamento ou então tão resumido?
4. Qual é o tema desse conteúdo, quais são seus possíveis campos temáticos?
5. Quais domínios e fases da vida são abordados e quais não?
6. Quais domínios e fases da vida são abordados apenas na fase de aprofundamento? Por qual razão eles não foram introduzidos no relato principal?

(ROSENTHAL, 2014a, p. 240)

De mudança em mudança, portanto, é possível avaliar como o entrevistado toma seu própria sistema de relevância como referência para seu relato. Vejamos como essa etapa pode ser desenvolvida tendo como exemplo trechos da entrevista com Lucas. Importante ressaltar que a primeira coluna, que se refere à indicação de página e linha onde encontra-se o relato na transcrição da entrevista estrutura-se da seguinte forma: página inicial e página final antes da barra e linha inicial (na primeira página) e linha final (da última página) depois da barra.

Tabela 2 – Análise de texto e campo temático

Análise de texto e campo temático			
Página/Linhas	Nº de linhas	Tipo de texto	Conteúdo/Hipóteses
1 / 7-11	5	Descrição	<p>1. É filho de pai engenheiro da prefeitura e mãe professora, o núcleo familiar é pequeno, apenas ele, o pai, a mãe e uma irmã</p> <p>1.1 Lucas enfatiza sempre as atividades profissionais dos pais, dando uma relevância ampla sobre o assunto</p>

			<p>1.1.1 Essa relevância dá um indicativo inicial de como o aspecto profissional é importante para Lucas em sua trajetória pessoal</p> <p>1.1.2 Ao longo da entrevista, Lucas irá dar indicativos de que a profissão dos pais foi determinante para a sua escolha profissional</p> <p>1.2 Lucas menciona a família pequena e cita a existência de uma irmã</p> <p>1.2.1 Ao longo da entrevista, Lucas não mencionará mais dados sobre a irmã – somente quando questionado, o que indica falta de proximidade entre os dois</p>
1 / 11-15	5	Argumentação	<p>2. Lucas é engenheiro por formação e professor por ofício</p> <p>2.1 Lucas atrela sua escolha profissional à trajetória dos pais</p> <p>2.1.1 Lucas enfatiza a influência que as atividades dos pais exerceram em sua vida</p> <p>2.2 Lucas afirma que os princípios que <i>herdou</i> dos pais seguem vivos, hoje, na presença de sua mãe (o pai já é falecido)</p> <p>2.2.1 Lucas irá remeter o assunto de sua <i>herança</i> intelectual e de valores dos pais mais algumas vezes ao longo de sua narrativa</p>

3.3.3 Reconstrução da vida vivenciada e análise sequencial detalhada

Nesta etapa, comparam-se os dados biográficos selecionados no primeiro passo da análise com as narrativas e as autointerpretações do entrevistado. O objetivo é encontrar indícios de como o entrevistado percebe cada acontecimento de sua vida à época em que ocorreram. Rosenthal (2014a, p.243) afirma que “as hipóteses levantadas no primeiro passo da análise serão, ao final, com base no texto da entrevista, comprovadas ou rejeitadas – ou então buscamos novas leituras”.

De trecho em trecho, reúne-se todos os momentos em que o entrevistado abordou determinado tema. Com isso, é possível observar os momentos da entrevista nos quais o entrevistado é mais – ou menos – específico, detalhista ou superficial em relação ao assunto. Longas pausas, elementos paralinguísticos, interrupções e equívocos também auxiliam a mapear significados e relevâncias que uma primeira leitura não permitiria observar.

Importante ressaltar que, para facilitar a visualização dessas pausas e elementos paralinguísticos, adotam-se códigos de transcrição. O Anexo B desse trabalho descreve quais os códigos utilizados na entrevista. No exemplo a seguir, está a análise de um determinado tema na entrevista de Lucas. Na tabela, expõe-se determinado dado biográfico e, nas linhas seguintes, todas as vezes que o tema é abordado pelo entrevistado seguindo a mesma lógica de indicação de página e linha da tabela anterior.

Tabela 3 – Análise sequencial

Trechos de vida vivenciada
1963 - Lucas nasce em Pádua e compõe um núcleo familiar pequeno: pai, mãe e irmã. A família é estável financeiramente – a mãe é professora e o pai engenheiro concursado da prefeitura
1 / 1-11 deixa eu ver, a gente começa com pai e mãe né, é daí que vem=eles são os culpados né @2@ e:: ahm:: bom eu ahm:: tenho a minha mãe viva hoje o meu pai já faleceu=faleceu em 2005 e: minha família é composta de: pai mãe e uma irmã (1) e:: é uma família=meu pai era engenheiro:: foi engenheiro da prefeitura toda=toda vida, minha mãe professora (2) do:: do estado e município
1 / 15-27 2) e bom vamos ver lá do comecinho né deixa eu ver ahmm (4) tá o meu=a minha mãe estudou em uma universidade e meu pai estudou em outra tá minha mãe estudou inclusive aqui na frente nesse prédio aqui da Letras tá então ela vinha com o fuquinha verdinho e botava na frente do prédio, muitas vezes eu assisti eu assisti aula=porque a mãe ela fez o curso depois que a gente já tinha uma certa idade (1) então muitas vezes eu acompanhei ela nas aulas da Letras aqui da=da universidade né eu até:: tava pensando em pedir um=um diploma também na faculdade de Letras porque foram várias aulas que eu acompanhei e tal né eu achava muito legal estar na faculdade e tal e tal assim como meu pai eu:: aí de forma mais intensa eu ia sempre na prefetu- meu pai era engenheiro na prefeitura então na prefeitura ahm o pai tinha a mesa dele e eu tinha a minha mesa inclusive lógico que a gente tinha uma mesa pequenininha que eu ficava desenhando ali e tal etecetera e::
1-3 / 33-29 aham até até assim uma entrevista da=da:: teve aqueles que tinha do boletim da universidade ali falava fatos marcantes=né fatos marcantes vários com o pai e com a mãe por exemplo=com o pai eu tinha muita=eu não, ahm quando o pai ia me botar pra dormir né eu não ouvia história de lobinho mal ou da chapeuzinho vermelho eu ouvia histórias da=da de filosofia, de economia de política do século vinte tá e eu me interessava muito por isso eu curti um monte então=então eu acho que eu tive uma formação assim @informal@ mas muito interessante já desde o=desde o começo e:: e eu sempre gostei muito disso dessa questão da história da=da política da sociologia da filosofia né porque esses eram assuntos recorrentes no meu ambiente familiar né um ambiente familiar que era marcado por muita leitura né meus pais sempre leram bastante tanto meu pai quanto a minha mãe meu pai mais idealista minha mãe mais pé no chão né:: eu acho que se completavam nesse sentido não é assim de ter essas=essas diferenças que são complementares e:: bom e fatos marcantes esses eu posso te dizer também que:: eu lembro de, situação de quando eu era gu- uma coisa eu participava muito do=do=do das questões desde muito cedo né das questões familiares das questões (é brim) muitas vezes das representações que a gente faz ou colocações mais informais eu brinco que o orçamento participativo quem inventou não foi nenhum desses caras aí ele foi inventado pelo meu pai @e eu fui o sujeito de pesquisa dele@ porque=porque o meu pai ele era:: uma pessoa de grande sensibilidade né, onde ele

tiver ele tá ouvindo ele ahm, tinha situações assim por exemplo a gente fechava as contas da casa então dinheiro pra feira dinheiro pra isso dinheiro praquilo e aí então a gente via se sobrava alguma coisinha se não sobrava:va então todas demandas que tinham por exemplo relacionadas com, ahm **um carrinho** tá se eu quisesse um carrinho eu dizia pro bah pai eu queria um carrinho lá tá legal que eu acho bonitinho não sei o que aqueles carrinhos de puxar daquele tempo antigo né ,puxava aqueles carrinhos' e, ele dizia não vamos botar na pauta do orçamento participativo né por isso que o orçamento participativo é uma mera cópia tá da nossa história familiar então isso:: são situações assim que marcam bastante inclusive porque=porque isso gera assim uma, uma responsabilidade diferente né tu pede ah tu pede o carrinho ah e tu é pequeno e, o usual é te dou o carrinho ou não te dou o carrinho né lá em casa nunca foi assim foi sempre assim ó isso vai ser debatido na nossa pauta do final do mês e, se sobrasse um dinheiro pro carrinho vinha o carrinho se não sobrasse não vinha o carrinho né mas era tudo muito transparente muito participativo né (1) e:: ahm: e tem situações por exemplo que são até bem:: importantes de=de eu acho devido à sensibilidade do meu pai de: de chegar por exemplo ó esse mês sobrou praquilo carrinho que não tinha dado no mês passado então, ahm, pode comprar o carrinho mas aí era uma coisa assim (1) o pai dizia ó tu tens aqui ó eu tinha o quê oito anos, sete anos quanto é que sai o carrinho sai tanto tu tens aqui o dinheiro pra comprar o carrinho né se tu quiseres comprar o carrinho tu compra se tu quiseres comprar outra coisa mudou de ideia sabe se quiser comprar chiclé ou outra coisa faz o que tu achar melhor sobrou do orçamento participativo né, e não foram poucas as vezes que esse dinheiro que sobrava às vezes no orçamento eles voltavam pro=pro caixa porque eu chegava e pensava bem será que eu quero esse carrinho sabe será que ele é tão legal assim e aí:: muitas vezes eu chegava e paiê vamos colocar esse dinheiro aí no nosso orçamento e:: deixa pro mês que vem então são lembranças muito importantes eu acho que vão constituindo assim a: a personalidade assim da gente ahm: essas essas questões de **transparência** de conversar por exemplo no=almoço lá em casa assim é isso na família=na família pai mãe e irmã ham a gente: não se discutia ahm: problemas: relacionados: não é que não se discutisse mas as discussões eram sempre numa dimensão muito interessante por exemplo se fosse **hoje** a gente ia tá discutindo: a questão da (1) da eleição dos estados unidos da=sabe isso desde pequenininho e eu tinha uma opinião claro que eu achava aquilo o máximo a minha opinião sabe mas eram sempre questões macro não era=não era uma coisa de dizer assim ah o vizinho aconteceu isso não=não desprezando esse cotidiano mas eu acho que era uma=uma intenção do pai e da mãe que a gente: tivesse uma inserção nas=nas questões de forma mais ahm (1) abrangente né de forma mais abrangente então se discutia muito as questões políticas por exemplo eu lembro do tempo da guerra do Vietnã sabe então eu sabia detalhes né então eu torcia pros vietcongues sabe então eram:: coisas assim e todo esse= ahm tudo isso me marcou muito a minha=a minha personalidade né e::

4 / 4-9

meu pai me levou o primeiro jogo que eu assisti foi um jogo porque tinha aquela história grêmio e inter né e=e a gente tinha uma tendência ahm nas nossas discussões diárias de ser sempre do lado do mais fraco daquele que precisa mais né então eu me lembro que o primeiro grenal que eu assisti né o:: o co-irmão ganhou de quatro a zero que era o Grêmio tá ganhou de quatro a zero e o que que eu falei pro meu pai eu falei ahm paiê eu sou colorado então eu acho que se-**bah se eu for te contar** @as histórias@ eu acho que a gente fica assim= mas:

5 / 12-26

e aí eu comecei a trabalhar eu comecei a trabalhar numa empresa era uma grande empresa que agora faliu e se chamava Edel e claro muito motivado pela::: pelas minhas idas à prefeitura com o meu pai que eu acompanhava ele nas obras né então o que o pai em todos esses viadutos o meu pai era=viaduto túnel todos esses aí da cidade e eu participei também e é outro que eu quero reivindicar junto à prefeitura @os meus direitos@ ta então eu tenho foto eu **tinha** foto não tenho mais até a revista tinha pedido uma vez foto lá no túnel da rua doze quando era=então foi usado dinamite praquilo ali aquilo ali é rocha né, e eu tinha um monte de foto eu=eu pequenininho com aquele=tocando aquele detonador e tal então muito assim em função dessa coisa de acompanhar meu pai eu=eu=fiz a engenharia e daí fui trabalhar numa empresa que era uma empresa de porte nacional eu viajava tinha=tinha obra aqui na cidade tinha obra em outras capitais né e:: e foi um período assim como é que vou te dizer de, foi necessário foi bom gostei eu gostava muito do que eu fazia né a engenharia

10 / 16-30

a minha irmã ahm ela foi uma pessoa que: um casal de filhos como se dizia né um casal de filhos @1@ e aí a minha irmã é uma pessoa que=ela=um pouco=ela é uma pessoa que representou muito o contraponto ela é uma pessoa que tem um pouco assim de contraponto da figura dela e da minha postura porque eu sempre fui muito assim de=não que eu fosse cdf, nem nada muito antes pelo contrário mas=mas assim eu er- eu prestava atenção na aula tá então só isso eu já passava em tudo tá ahm e o eu tinha assim=meus pais sempre tinham assim que Luquinhas é o cara que não dá problema e a minha irmã era a que tinha problema entende eu não sei até que ponto isso foi bom ou foi ruim pode ser que né=eu acho que tem vários aspectos aí mas eu sempre carreguei um pouco essa coisa de ser o=de ser o certinho da casa né o bom moço sabe e isso aí não sei até que ponto foi bom não sabe ahm não sei não sei mas // E: ela é mais velha né é muito mais velha // L: não ela tem dois anos a mais, a Priscila, Priscila' o meu pai é Lucas também e a minha mãe é Joana // E: como é o nome da tua irmã // L: É Priscila

3.3.4 Comparação entre vida vivenciada e vida narrada

Esta última etapa do método de reconstrução da narrativa biográfica proposto por Rosenthal prevê uma comparação contrastante entre a vida vivenciada e a vida narrada. O objetivo é apontar as diferenças entre as perspectivas (passada e atual), ou o narrado e o vivenciado. Esse contraste ajudará a pesquisadora a descobrir a origem dessa diferença e quais experiências biográficas estão por trás dos acontecimentos.

Neste momento é feita uma nova análise aprofundada dos dados empíricos utilizando como base todas as etapas anteriores. Essa análise e seus resultados compõem o próximo capítulo dessa dissertação.

Vale ressaltar que, a partir dessa reconstrução, a pesquisadora pode voltar à questão inicial da pesquisa para explicar fenômenos sociais relacionados a ela. Determinados alguns padrões de interpretação e ação, é possível, ainda, o mapeamento de tipos - esse último passo não será contemplado neste trabalho, que concentrará esforços nas quatro primeiras etapas.

4 ANÁLISE DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA NARRADA DE LUCAS

Percorridos todos os passos de análise já descritos, este capítulo tem o objetivo de apresentar uma reconstrução biográfica do caso estudado - a biografia do voluntário Lucas, recompondo a maneira como o entrevistado interpreta a sua trajetória de vida. Nesta etapa, uma preocupação latente é que os passos anteriores dialoguem de maneira crítica entre si e, dessa forma, permitam uma análise mais aprofundada das experiências biográficas do entrevistado.

A partir de aspectos relatados da vida de Lucas, irei comparar os acontecimentos de sua vida e a percepção que o entrevistado tem a respeito deles. O campo de interesse de pesquisa – voluntariado e engajamento – será evidenciado a partir dessas experiências e também da literatura disponível. Depois das análises iniciais, irei confrontar os resultados com as hipóteses previamente elencadas durante as etapas anteriores para, com isso, entender "as possibilidades de compreensão de como a percepção social de eventos é constitutiva da interpretação individual da própria biografia" (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 376).

A partir da interpretação desse caso particular, ou um domínio isolado do mundo cotidiano que se percebe a partir da descrição detalhada de um caso concreto, busca-se a descoberta de correlações em fenômenos específicos. Rosenthal (2004a, p. 30) afirma que "a partir de análises sequenciais é possível reconstruir os processos de formação de fenômenos sociais". Para a autora, a trajetória do biografado coloca o social em evidência, uma vez que a realidade subjetiva (sua história relatada pela biografia) e a realidade coletiva se entrelaçam. Segundo Rosenthal (2014a, p 224):

a biografia, em seu processo concreto de desenvolvimento, mas também quando reexaminada pelo entrevistado a partir do momento presente, é sempre dual, produto ao mesmo tempo do individual e do coletivo.

O primeiro item desse capítulo pretende dar um panorama geral da entrevista e da biografia de Lucas. Na sequência, selecionarei alguns pontos da biografia que se mostraram relevantes em seu relato – por serem referenciados em diversos momentos da entrevista ou por representarem momentos-chave da

sua trajetória de vida em relação ao tema global deste trabalho. Dessa forma, será possível compreender de que forma se apresenta a disposição para o engajamento no voluntariado em Lucas, dialogando com o problema de pesquisa dessa dissertação.

4.1 CONTEXTO DA ENTREVISTA E O RELATO DE VIDA

Lucas tem 53 anos, é professor universitário e participa do programa de voluntariado da universidade onde trabalha – foi a partir de indicações de outra voluntária que cheguei até ele. A pessoa que o indicou, uma amiga próxima e que também é voluntária no mesmo grupo, o descreveu como uma pessoa muito amável e prestativa – um verdadeiro anjo. O termo remete a uma das funções que ele exerce dentro de seu grupo: Lucas é o anjo, ou seja, a pessoa responsável por acolher novos voluntários, explicar como funciona e acompanhar nas primeiras atividades. O trabalho consiste em visitas para pacientes idosos internados por longos períodos no hospital-escola da universidade.

O primeiro contato foi por e-mail e Lucas já aguardava a minha mensagem. Expliquei que estava fazendo contato com algumas pessoas que realizavam trabalho voluntário e que estava interessada em suas histórias de vida. Lucas se mostrou, desde o primeiro contato, muito interessado e disponível em participar da pesquisa. Por praticidade, propôs que a entrevista fosse realizada no núcleo em que atua na universidade.

O encontro presencial se deu em 5 de abril de 2016 – uma tarde quente e abafada. Em função do clima, Lucas propôs que conversássemos em uma sala de reuniões equipada com ar-condicionado. Em uma mesa longa, com várias cadeiras, Lucas ficou sentado em minha frente. O ambiente era calmo e um ar-condicionado fazia um barulho constante.

Bastante interessado na forma como a conversa seria conduzida, Lucas fez uma série de perguntas sobre o tema, o método, o que seria feito com a gravação. “Sou um curioso por metodologias diferentes das minhas”, justificou Lucas, que além de professor, é pesquisador e coordena alguns grupos de pesquisa na universidade.

Após a pergunta inicial, o entrevistado tentou ser o mais didático e amplo possível na sua fala. Ele foi bastante analítico, sempre tentando justificar algumas abordagens e considerações que fazia – especialmente em relação à infância e na relação com os pais. Chegou a narrar alguns fatos, dessa época, como exemplos. Sobre sua vida adulta, Lucas foi mais objetivo e rápido na narração de sua trajetória de vida.

Com uma voz alta e gesticulando bastante com as mãos, Lucas demonstrou empolgação em diversos relatos que fez. As primeiras falas do entrevistados deixam transparecer uma pessoa que coloca muita paixão em suas atividades. A entrevista transcorreu dessa forma até uma inesperada interrupção por uma colega, que atrapalhou o fluxo histórico da fala do entrevistado e o deixou um pouco impaciente.

Lucas relatou sua trajetória de vida de forma cronológica de modo que culminou com seu envolvimento no voluntariado – fato ainda recente e que ele percebe como bastante relevante em sua biografia. É importante ressaltar, aqui, que não é foco de interesse os fatos vivenciados pelo entrevistado ao longo de sua vida – mas sim a forma como ele relata e interpreta o seu passado.

Lucas nasceu em 1963, em Pádua – cidade onde passou a maior parte de sua vida e, ainda hoje, reside. Seu nascimento se dá em um momento político importante no Brasil: às vésperas do Golpe Militar¹³, ocorrido no início do ano seguinte. Ter crescido nesse contexto de tensão política e social traz características marcantes para sua biografia. Filho de pai engenheiro e mãe professora, Lucas é oriundo de um núcleo familiar pequeno – mãe, pai e irmã – e economicamente estável. Talvez por isso ele perceba como tão relevante, em sua trajetória, os traços de personalidade de seus pais, em especial o altruísmo, a sensibilidade e a solidariedade.

Relata que estudou em ótimos colégios – primeiro, em um colégio público, depois, em um colégio particular, o que exigiu um esforço extra de seus pais, já que era, conforme o entrevistado, o mais caro da cidade. Além desse investimento educacional recebido da família, Lucas conta que teve uma educação informal muito importante em casa. As conversas à mesa de refeições,

¹³ Ocorrido no dia 1º de abril de 1964, o golpe militar encerrou o governo do presidente João Goulart, também conhecido como *Jango*, e instaurou o Regime Militar, que teve como primeiro presidente o Marechal Castelo Branco e durou até 1985.

bem como as histórias que ouvia antes de dormir não versavam sobre o universo infantil, mas sobre a economia global, política, história e filosofia.

Isso talvez indique um esforço dos pais em provocar uma análise crítica aos filhos em um cenário de repressão que atingia todos os setores, inclusive o educacional. Apesar de demonstrar-se constantemente atento aos problemas do país e do mundo, Lucas não mencionou ter participado de movimentos estudantis de oposição ao Regime Militar, que têm relevância na história política do Brasil no início dos anos 1980.

A proximidade com os pais era bastante grande e Lucas foi capaz de narrar diversos episódios de sua infância e adolescência, quando acompanhava o pai em grandes obras de infraestrutura da cidade, como pontes e viadutos, e a mãe em aulas do seu curso de graduação em Letras. É importante ressaltar que a presença ou participação da irmã mais velha não é citada nessas narrativas. O período escolar perpassa de forma estável e sem o relato de acontecimentos muito relevantes até os 17 anos, em 1980, quando ingressou na universidade.

A opção pela Engenharia Civil se deu em um contexto de dúvida – apesar de ter optado por seguir a profissão do pai, ele afirma que oscilava entre diversas opções como Medicina e Agronomia. Essa aparente confusão o levou a cursar, paralelamente, o curso de História por um semestre – o envolvimento com as atividades acadêmicas, no entanto, o forçaram em optar por seguir apenas um curso, então ficou somente com a Engenharia, com influência evidente da atividade profissional de seu pai e das experiências que teve, com ele, durante a sua infância.

A formatura, em 1986, marca o início de suas atividades profissionais. Foi contratado por uma grande empresa de obras, logo após a colação de grau. Lucas não deixa claro, mas é possível perceber – pelas menções que faz a respeito de transitar naquele meio profissional, visitar as obras, conhecer pessoas – que o fato do pai também ser engenheiro e possuir contatos importantes na área foi um facilitador para que ele conseguisse um bom emprego logo após a graduação.

O início de sua atividade como engenheiro representou, para Lucas, uma rotina bastante intensa: eram comuns viagens para acompanhar o andamento de trabalhos em diversas cidades e fora do estado, além da responsabilidade em

conviver e dialogar com profissionais de diversas outras áreas. A insatisfação com o contexto de vida e trabalho, logo apareceu, conforme o trecho relatado:

o mercado nunca me fascinou e continua não me fascinando e de muito do engenheiro civil e principalmente o engenheiro aquele mais novo que vai tocar uma obra em outra cidade é isso é um acompanhamento do andamento da obra tu recebe os projetos e tu vai acompanhando então tu fica lá negociando ah vai trazer quando não sei quanto de, tal material ah qual é o preço que vai ser isso qual é o preço que vai ser aquilo é uma relação que eu te confesso que eu:: engolia o que eu gostava mais era o=era de perceber assim a sensibilidade e a capacidade de de operários na construção civil me ensinaram muito e essa coisa de de aprender com os outros em volta de mestre de obras eles sabem tudo eles sabiam 10 mil vezes mais que qualquer engenheiro de toda a história mas e eu claro eu procurava abrir esse espaço pra pra pra isso (Transcrição: página 11, linhas 23-34)

Em paralelo ao trabalho da construtora, abriu seu próprio escritório de engenharia – atividade que culminou em 1996, quando saiu da construtora para dedicar-se exclusivamente aos seus clientes. O fato de desligar-se de uma grande empresa e ter o seu próprio negócio pode indicar um movimento de ter maior autonomia com seu trabalho, não se vinculando tanto às viagens e implicações que as grandes obras da construtora o solicitavam.

No ano seguinte, em 1997, teve uma experiência como professor substituto na mesma universidade onde se formou, foi quando voltou-se para o mundo acadêmico. Essa experiência suscitou em Lucas uma *paixão* pela docência, conforme o trecho relatado:

mas a minha vocação era ser professor o que tava guardado pra mim era ser professor e aí ah, o que aconteceu foi que eu fiz uma experiência como professor substituto né eu fiz uma seleção lá pra professor substituto e aí=aí eu já tinha saído da construtora eu tinha saído dessa empresa e tava com o meu escritório com obras e=e a partir dessa experiência eu:: aí realmente transformou a minha vida muito porque=porque o que eu curti mesmo era dar aula e daí eu já comecei a pesquisar e daí eu já comecei a fazer curso e daí já, entrei no mestrado né e daí: foi aí: o escritório foi ficando até eu fechar o escritório né daí eu fechei o escritório e fui ser feliz sendo professor @como eu sou até hoje e espero ficar por um bom tempo, sendo@ (Transcrição: páginas 5-6, linhas 26-2)

O ingresso no mestrado na área da educação, seguido de um doutorado, foi o caminho para uma dedicação exclusiva à docência. Próximo ao fim do contrato como temporário na universidade, Lucas fez uma transição gradual para outra instituição, já em 1998, até dedicar-se exclusivamente nessa universidade, que é particular.

A universidade que atua é uma instituição de orientação religiosa e, mesmo que Lucas não faça menção à religiosidade em nenhum momento da entrevista, é possível identificar alguns aspectos como o uso de escapulário e a presença dele em eventos religiosos da instituição. Talvez a identificação com os valores cristãos também tenha ajudado no processo de aproximação com a universidade. Lucas afirma que “fui me identificando mais com a universidade e aí hoje eu vivo aqui” (Transcrição: página 13, linhas 1-2).

Certo de sua escolha profissional, Lucas seguiu investindo em formações na área docente. Em 2010, passou um período em Lisboa, Portugal, para um pós-doutorado e, em 2014, realizou outro pós-doutorado em Santiago, no Chile. Os estudos foram na área social. O período em Lisboa, no entanto, foi marcante para Lucas: foi durante a primeira temporada no exterior, sozinho, que tomou a decisão de fazer voluntariado a partir de uma profunda reflexão de vida. Por ser relevante ao tema dessa pesquisa, voltaremos a verificar esse momento da vida de Lucas no subcapítulo 4.4.

Quando voltou ao Brasil, em 2011, procurou o Centro de Voluntariado da universidade e passou a atuar, sistematicamente, como voluntário. Começou com reforço escolar, depois migrou para a atividade de contação de história para idosos até perceber que as pessoas queriam muito mais contar suas histórias que ouvir. Foi nesse momento que conversou com a coordenadora das atividades e criaram, juntos, um projeto de escuta a pacientes internados no hospital-escola, especialmente na ala dos idosos.

O relato principal de Lucas encerrou com a descrição de suas atividades e o sentimento que as atividades suscitam nele. Um outro fato relevante que ocorreu entre 2011 e 2016 foi seu casamento, em 2013. Lucas, no entanto, não chega a citar a esposa ou o casamento em seu relato, apenas quando estimulado. Também professora, Mariana – a esposa de Lucas – atua na mesma universidade e, de acordo com ele, é uma pessoa multitarefas, envolvida em diversas atividades acadêmicas e também em atividades de cunho social.

No segundo momento da entrevista, retomei temas do relato do entrevistado com vistas a aprofundar o assunto ou buscar um relato narrativo de situações vivenciadas ao longo de sua vida. Nos próximos subcapítulos, abordarei alguns temas da biografia de Lucas que são relevantes para a análise de seu engajamento no voluntariado.

4.2 A INFÂNCIA E AS RELAÇÕES FAMILIARES DE LUCAS

As recordações da infância têm um papel relevante na biografia de Lucas. Ele fora estimulado a começar a narrar sua trajetória de vida desde o início, então foi natural que sua infância fosse o primeiro assunto tratado. O que pude observar, no entanto, é que mesmo quando relatava outros momentos de sua vida, era comum a remissão a assuntos de seus primeiros anos de vida.

Oriundo um núcleo familiar que considera pequeno, apenas mãe, pai e irmã, Lucas não cita outras pessoas da família em seu relato como tios, primos ou avós. Esse fato traz as possibilidades de que ou esse grupo familiar era pouco aberto à participação de outras pessoas – com grau de parentesco mais ou menos próximo – ou Lucas não dá relevância para relações além do núcleo familiar em sua trajetória de vida.

Ao mesmo tempo, Lucas demonstra bastante convicção de que os pais influenciaram muito em sua vida. Em quatro momentos do seu relato, ele afirmou diretamente que sua personalidade foi composta com influência do pai e da mãe, além de outros momentos em que essa referência foi indireta.

Lucas usa exemplos como “a importância da minha formação da minha=da minha família de pai e mãe que são coisas muito sólidas” (Transcrição: página 1, linhas 13-14), “essa influência foi muito muito forte na minha vida eu acho que isso é vai compondo assim a personalidade da gente” (Transcrição: página 1, linhas 28-29), “eu acho que marca=a coisa que eu mais tenho da minha- **pai e mãe** é exemplo de: de um casal que, muito amor né e com muito altruísmo né com muita transparência” (Transcrição: página 3, linhas 30-32) – para ressaltar essa relevância.

Ainda em relação ao núcleo familiar, foi possível perceber, ao longo do relato, que Lucas teve maior proximidade com o pai. Na maior parte dos exemplos e trechos narrados de sua infância, o pai aparece como figura central – inclusive o episódio de um jogo de futebol, na infância, que detalharei no próximo subcapítulo. O fato de ter escolhido a mesma profissão, pelo menos em um primeiro momento, vem da vivência e proximidade que tinha com o pai.

Eram frequentes as visitas em obras importantes para o desenvolvimento da cidade, momentos de sua biografia que Lucas revisita com carinho e

saudosismo. Ele chega a brincar, em determinado momento, que vai reivindicar junto à prefeitura seus direitos trabalhistas por estar sempre acompanhando as obras com o pai. Era também no escritório do pai que Lucas tinha uma mesa só para ele, onde passava horas brincando. Passagens como essa reforçam a percepção de vínculo que Lucas demonstra em relação ao pai e à constante convivência que tiveram.

Logo no início do relato, o entrevistado cita que apenas a mãe está viva, o pai faleceu em 2005. Ao longo de sua fala, no entanto, Lucas não cita a morte do pai como um acontecimento marcante – seu relato segue uma lógica temporal mas, mesmo quando chega próximo ao ano de 2005, não comenta a perda do pai, tampouco na segunda etapa da entrevista. O fato de ele relatar tantos momentos de sua vida que envolvem o pai, dando alta relevância ao seu papel em sua vida e, ao mesmo tempo, não comentar a sua morte pode indicar desconforto ao lembrar da perda e ausência do progenitor em seu dia a dia.

A morte do pai, portanto, pode ser encarada como um tabu para Lucas. Leis (2003) afirma que a morte é um assunto obscuro e mal resolvido na sociedade moderna – se evita pensar ou fazer referência a ela como forma de não enfrentá-la. O autor também afirma que a morte não é vista como algo natural e prova disso é que dificilmente se registram mortes como “morte natural”, atribuindo uma causa específica e determinada para o fato. Talvez por isso falar sobre a morte não seja, também, natural para as pessoas – o que parece ser o caso de Lucas.

A relação com a mãe parece ser um pouco menos aprofundada. Ainda que Lucas tenha citado sempre os dois, como exemplos amplos de influência em sua vida, são poucos os trechos de seu relato que remetem a histórias vividas com a mãe. Ele cita apenas o fato de que acompanhava algumas aulas do curso de Letras da mesma universidade onde hoje ele leciona:

ela vinha com o fuquinha verdinho e botava na frente do prédio, muitas vezes eu assisti eu assisti aula=porque a mãe ela fez o curso depois que a gente já tinha uma certa idade (1) então muitas vezes eu acompanhei ela nas aulas da Letras aqui da=da universidade né (Transcrição: página 1, linhas 18-21)

A figura da mãe não aparece em relatos de sua vida adulta, o que reforça a percepção de que ele já não mantém um vínculo tão próximo com sua progenitora, atualmente.

Em relação à irmã, ela é citada apenas no início do relato inicial, quando Lucas fala de sua composição familiar. Toda a sua trajetória de vida, decisões e percepções são relatadas sem a presença da irmã, o que indica falta de proximidade ou identificação entre os dois.

Mesmo na segunda fase da entrevista, faz pouca menção sobre a interação entre ele e a irmã. Ao ser estimulado a narrar algum momento da vida com ela, Lucas cita que a irmã (dois anos mais velha) representava um *contraponto* à sua personalidade.

a minha irmã ahm ela foi uma pessoa que: um casal de filhos como se dizia né um casal de filhos @1@ e aí a minha irmã é uma pessoa que=ela=um pouco=ela é uma pessoa que representou muito o contraponto ela é uma pessoa que tem um pouco assim de contraponto da figura dela e da minha postura porque eu sempre fui muito assim de=não que eu fosse cdf, nem nada muito antes pelo contrário mas=mas assim eu er- eu prestava atenção na aula tá então só isso eu já passava em tudo tá ahm e o eu tinha assim=meus pais sempre tinham assim que Luquinhas é o cara que não dá problema e a minha irmã era a que tinha problema entende eu não sei até que ponto isso foi bom ou foi ruim pode ser que né=eu acho que tem vários aspectos aí mas eu sempre carreguei um pouco essa coisa de ser o=de ser o certinho da casa né o bom moço sabe e isso aí não sei até que ponto foi bom não sabe ahm não sei não sei (Transcrição: página 10, linhas 16-28)

Essa personalidade tão diferente entre os dois irmãos talvez tenha contribuído para o afastamento e possível incompatibilidade de convivência entre os dois. Durante o relato transcrito acima, é visível um tom de ironia e aborrecimento em sua voz, o que reforça essa percepção.

Sobre sua vida escolar, Lucas preocupa-se em citar a cronologia dos fatos e fazer uma breve análise que, efetivamente, narrar sua trajetória. Ele ressalta a preocupação dos pais em mantê-lo em boas escolas, mesmo que exigisse um esforço financeiro para isso. O reconhecimento a esse esforço pode ser observado na fala de Lucas:

tá eu estudei muito tempo eu estudei o primeiro o jardim e os dois primeiros anos numa escola pública que era próxima à prefeitura onde meu pai trabalhava que daí me deixava ali e=depois eu estudei no colégio Caxias que era um colégio de muita= os professores eram muito qualificados na época né eu não sei como tá o Caxias agora mas=era um colégio muito legal era considerado o melhor colégio da

cidade sabe sei que os meus pais fizeram um esforço pra me colocar no Caxias porque era um colégio pago e era o colégio mais bem pago da cidade ahm eu sei que não era fácil né pra eles mas era assim eles investiram porque eles acreditavam né na educação (Transcrição: páginas 4-5, linhas 28-2)

Ao afirmar que os pais acreditavam (e investiam) em sua educação, Lucas demonstra preocupação em valorizar esse investimento e também gratidão por esse desse investimento. Para além da escola, os pais do entrevistado, ambos com curso superior completo, estimulavam a leitura, o conhecimento e o debate amplo de história, política, economia e geografia.

Importante lembrar que a vida escolar de Lucas se dá em um cenário de regime militar no Brasil e, mesmo estudando em bons colégios, esse foi um período marcado pela repressão e por um vigília muito grande no setor educacional. Talvez por isso os pais demonstrassem tanta preocupação em manter diálogos aprofundados e críticos com os filhos, para sanar uma possível falta de pensamento analítico na escola.

Ao relatar as histórias que ouvia de seu pai antes de dormir, em sua primeira infância, e as discussões familiares durante as refeições, já um pouco mais velho, Lucas demonstra dar importância à educação não-formal que recebeu em casa.

quando o pai ia me botar pra dormir né eu não ouvia história de lobinho mal ou da chapeuzinho vermelho eu ouvia histórias da=da de filosofia, de economia de política do século vinte tá e eu me interessava muito por isso eu curti um monte então=então eu acho que eu tive uma formação assim @informal@ mas muito interessante já desde o=desde o começo e:: e eu sempre gostei muito disso dessa questão da história da=da política da sociologia da filosofia né porque esses eram assuntos recorrentes no meu ambiente familiar né um ambiente familiar que era marcado por muita leitura né meus pais sempre leram bastante (Transcrição: página 2, linhas 13-11)

Para Trilla (2008) a educação não-formal consiste em toda atividade educativa realizada fora do sistema oficial. Para ele:

Estariamos diante de um caso de educação informal quando o processo educacional ocorre indiferenciada e subordinadamente a outros processos sociais, quando aquele está indissociavelmente mesclado a outras realidades culturais, quando não emerge como algo diferente e predominante no curso geral da ação em que o processo se verifica, quando é imanente a outros propósitos, quando carece de um contorno nítido, quando se dá de maneira difusa [que é outra denominação da educação informal]. (TRILLA, 2008, p. 37)

O estudioso afirma que os pais, em geral, educam informalmente uma vez que exercem um trabalho educacional concomitantemente a outras responsabilidades familiares como a brincadeira, a organização da casa ou a responsabilidade com dinheiro, por exemplo. Na percepção de Lucas “uma intenção do pai e da mãe que a gente: tivesse uma inserção nas=nas questões de forma mais ahm (1) abrangente né de forma mais abrangente” (Transcrição: página 3, linhas 24-26), conforme seu relato.

O entrevistado narra a importância dessa formação em sua infância, quando lembra da forma participativa e conjunta como se tratava do orçamento familiar. Conforme o trecho de seu depoimento:

eu brinco que o orçamento participativo¹⁴ quem inventou não foi nenhum desses caras aí ele foi inventado pelo meu pai @e eu fui o sujeito de pesquisa dele@ porque=porque o meu pai ele era:: uma pessoa de grande sensibilidade né, onde ele tiver ele tá ouvindo ele ahm, tinha situações assim por exemplo a gente fechava as contas da casa então dinheiro pra feira dinheiro pra isso dinheiro praquilo e aí então a gente via se sobrava alguma coisinha se não sobra::va então todas demandas que tinham por exemplo relacionadas com, ahm **um carrinho** tá se eu quisesse um carrinho eu dizia pro bah pai eu queria um carrinho lá tá legal que eu acho bonitinho não sei o que aqueles carrinhos de puxar daquele tempo antigo né ,puxava aqueles carrinhos’ e, ele dizia não vamos botar na pauta do orçamento participativo né por isso que o orçamento participativo é uma mera cópia tá da nossa história familiar então isso:: são situações assim que marcam bastante inclusive porque=porque isso gera assim uma, uma responsabilidade diferente né tu pede ah tu pede o carrinho ah e tu é pequeno e, o usual é te dou o carrinho ou não te dou o carrinho né lá em casa nunca foi assim foi sempre assim ó isso vai ser debatido na nossa pauta do final do mês e, se sobrasse um dinheiro pro carrinho vinha o carrinho se não sobrasse não vinha o carrinho né mas era tudo muito transparente muito participativo

A percepção do valor do dinheiro, dos investimentos feitos pela família e da responsabilidade de todo o núcleo familiar em organizar o orçamento doméstico também suscitou em Lucas um consumo de forma mais consciente. Ele narra, por exemplo, que muitas vezes quando finalmente sobrava dinheiro para o carrinho, ele pensava melhor e acabava desistindo de comprar, destinando o recurso financeiro para um bem em comum.

¹⁴ Segundo Wampler (2008), o Orçamento Participativo é uma instituição participativa para governos municipais que consiste em um processo decisório de investimentos. Nele, os cidadãos se organizam e negociam sobre a alocação de gastos em determinadas regiões de uma cidade. Foi inaugurado pelo governo do Partido dos Trabalhadores na prefeitura de Porto Alegre em 1989 e, a partir de então, tem sido adotado por um grande número de municípios.

São fatos e contextos familiares que marcaram – e ainda marcam – a biografia de Lucas. Ele mesmo percebe o quanto essa educação não-formal vivenciada em casa, durante sua infância, influenciou em sua formação – e, ao longo de seu relato, é possível verificar o seu interesse em ressaltar esses aspectos. No próximo subcapítulo, abordarei a narração de um fato ainda da infância e da relação familiar de Lucas que é decisivo na percepção do entrevistado em relação à solidariedade.

4.3 A PERCEPÇÃO DE SOLIDARIEDADE

Era o ano de 1968, Lucas tinha em torno de cinco anos quando foi levado, pelo pai, para assistir seu primeiro jogo de futebol no estádio. Um clássico estadual: Internacional e Grêmio. Mesmo que já tivesse uma pré-disposição em torcer para um dos dois times, Lucas ainda não tinha se decidido. A ida ao estádio, portanto, ganhava uma relevância ainda maior. Ao contrário do que acontece na maioria dos clássicos, quando prevalece o equilíbrio, aquele *GreNal* seria diferente: o Grêmio venceria com quatro gols a zero, do rival. No final do jogo, o menino estava convencido: torceria para o Internacional.

O episódio lembrado por Lucas já na etapa inicial da entrevista, poderia ser apenas uma recordação banal de sua infância, que demonstrasse a cumplicidade que tinha com o pai, ou a origem de uma trajetória como torcedor de um time de futebol. O fato, no entanto, ganha uma relevância ao aparecer como um exemplo do seu olhar ao menos favorecido, já nos primeiros anos de vida. O entrevistado faz questão de ressaltar esse posicionamento logo após narrar o episódio do jogo de futebol:

meu pai me levou o primeiro jogo que eu assisti foi um jogo porque tinha aquela história grêmio e inter né e a gente tinha uma tendência ahm nas nossas discussões diárias de ser sempre do lado do mais fraco daquele que precisa mais né então eu me lembro que o primeiro grenal que eu assisti né o: o co-irmão ganhou de quatro a zero que era o Grêmio tá ganhou de quatro a zero e o que que eu falei pro meu pai eu falei ahm **paizê eu sou colorado** então eu acho que se-**bah se eu for te contar** @as histórias@ eu acho que a gente fica assim= mas: desse estilo sabe no estilo sempre de procurar se posicionar do lado (1) ahm aquele lado que mais precisa do lado que, é o mais fraco do lado que é o que está submetido à exclusão né então procurar ter essa postura assim **solidária** eu acho que a palavra solidariedade é a palavra mais importante de todas=todas=todas solidariedade qualquer

situação é um=é a herança que eu trago assim (Transcrição: página 4, linhas 2-14)

Há alguns aspectos relevantes nas observações de Lucas ao fazer uma análise do fato, que são importantes de serem analisados separadamente. Ele cita que há outras histórias como essa em sua biografia, em que ele se posicionou em prol do excluído e do menos favorecido. Logo em seguida, ele faz referência à profissão de professor como um eterno “aprendendo ensinando e auxiliando e ajudando o aluno né” (Transcrição: página 4, linhas 16-17), nesse caso, mais carente de conhecimento.

Em outros momentos da entrevista, quando quer novamente se referir ao seu posicionamento constante em favor dos menos favorecidos, Lucas volta a falar do jogo de futebol, de torcer pelo time que perdeu. Isso ocorre quando ele cita, por exemplo, a escolha da sua área de estudo – mais ligada à área social –, a opção por fazer voluntariado com idosos e não crianças e até na fala de sua esposa de que “eu não posso ver uma comunidade uma vila que eu já quero ir lá bater uns papos com os caras saber como é que está não sei o que o que que falta o que não falta” (Transcrição: página 6, linhas 20-22)

É possível perceber que Lucas tem muito claro que a solidariedade é um sentimento transversal em sua trajetória de vida e também em diversos aspectos de sua realidade atual. Uma solidariedade herdada dos pais, uma herança, como ele afirma – o que reforça sua percepção da influência que os pais tiveram na formação de seu caráter.

Neste momento da análise já é possível traçar algumas percepções em direção ao problema central desse estudo, o voluntariado. Meister (2003, p. 62) sugere que a solidariedade é palavra-chave para o voluntariado, pois é um dos valores motores para a ação em direção ao próximo. Ele afirma que solidarizar-se é “estar com as pessoas, compartilhar experiências, passando o que se sabe e conhecendo coisas novas”.

O autor afirma que a base motivadora das ações das pessoas é esse sentimento de responsabilidade de umas com as outras. Para ele:

o entendimento da palavra, do conceito de solidariedade, pelas pessoas, as desinstala, conduz para uma ação social efetiva. A solidariedade constitui-se sobre a forma relacional, recíproca. (MEISTER, 2003, p. 33)

Nesse sentido, a solidariedade age como força motriz, onde o voluntário acredita que pode contribuir com os outros, ajudar, fazer o bem, ser agente transformador – seja por motivos ideológicos, religiosos ou tantos outros. Para o autor, a ação voluntária resulta de uma reflexão, com intuito de construir uma nova ordem, mobilizando individual e coletivamente e, por essa razão, “podemos dizer que o voluntário é um agente transformador” (Meister, 2003, p. 34).

Seguindo outro caminho teórico, Araújo (2008, p. 29-34) atrela a concepção de voluntariado à solidariedade social doadora como forma de agir em favor do próximo, no enfrentamento da pobreza, por meio da caridade e da assistência social. O autor afirma que essa ação, na qual a pessoa coloca seu tempo, energia, afetividade e intelecto à disposição de outros, é movida por motivos pessoais, sem expectativas de remuneração.

Define, ainda, a solidariedade social doadora como um:

modo de pensar e agir nas relações sociais de assistência, apresentando nuances quanto a seus propósitos de promover o desenvolvimento de processos de apaziguamento das crises sociais, expressões culturais de defesa de interesses sociopolíticos e econômicos, em nome da justiça social. (ARAÚJO, 2008, p. 35)

As perspectivas teóricas em torno do conceito de solidariedade nos ajudam a compreender a pré-disposição de Lucas para as atividades de voluntariado. Já foi citado que o próprio entrevistado tem a percepção de que a solidariedade faz parte de sua trajetória de vida e personalidade, então é possível perceber que esse caminho rumo ao voluntariado acaba ocorrendo de forma natural. No próximo subcapítulo irei apresentar o momento-chave da decisão de Lucas de engajar-se no voluntariado.

4.4 A BUSCA POR SENTIDO E O INGRESSO NO VOLUNTARIADO

Ao analisar o relato de vida de Lucas até aqui, foi possível notar uma linearidade em sua trajetória. De sua infância até em torno dos 50 anos de idade, o entrevistado não relata momentos de tensão ou que tenha enfrentado grandes problemas, até mesmo durante a mudança de profissão. Possivelmente esses momentos tenham ocorrido, no entanto Lucas não considerou relevante relatá-los na entrevista.

Data de 2010, no entanto, um momento de crise pessoal descrito pelo entrevistado como fundamental para uma transformação em sua vida. Neste ano, Lucas passou uma temporada na cidade de Lisboa, em Portugal, para a realização de seu primeiro pós-doutorado.

Estar sozinho em uma cidade fora de seu país de origem foi relatado como um momento significativo. Em uma situação aparentemente desconfortável, com muito estudo e muito trabalho, Lucas revela ter alterado suas perspectivas em relação ao trabalho, à vida acadêmica e suas atividades pessoais, conforme é possível observar em seu relato:

eu tava numa situação que não era das melhores eu tinha ido sozinho pra lá e: foi uma situação:: ah muito estudo muito trabalho lá e (1) e eu pensei assim=assim ó eu faço tanta coisa assim pelas atividades as atividades daqui da faculdade faço tanta coisa que entre outras atividades que a gente acaba tendo porque eu sou é o professor Lucas coordenador do grupo de pesquisa ou o coordenador do núcleo ou o-ou o não sei mais o que lá sempre tinha uma coisa **antes** do meu nome pra mim fazer alguma coisa que me credenciava pra me ajudar ta e lá em Lisboa eu acho que eu percebi que, eu gostaria de fazer alguma coisa que não fosse=que começasse por o Lucas quer ajudar né o Lucas quer ajudar né então eu pensei no voluntariado (Transcrição: páginas 7-8, linhas 28-4)

O fato de querer realizar algo para além de suas atividades profissionais e acadêmicas, para além do professor Lucas, despertou no entrevistado a vontade de inovar em sua trajetória de vida. É nesse momento chave que vem à tona aquela predisposição citada anteriormente e o *insight* de se engajar no voluntariado.

O voluntariado aparece, então, como uma forma de fazer algo por si próprio, como sentido para sua vida. Na teoria schütziana, quando o sujeito age em função de motivações dirigidas a objetivos futuros, existe uma motivação de significado subjetivo - o autor chama isso de motivo “a fim de”. Por outro lado, as ações enraizadas em experiências passadas, na sua personalidade (ainda que de forma inconsciente), são chamadas de “motivos por que”.

Helmut R. Wagner, na introdução da obra de Alfred Schütz traduzida para o português, especifica de forma didática a teoria da motivação. Conforme o autor, Schütz enfatizou a necessidade de diferenciar os significados objetivos e subjetivos. Assim o definiu:

No decorrer da experiência de desenvolver uma ação, de acordo com o seu plano preconcebido, o ator vivencia diretamente os seus “motivos

a fim de”. Eles são, portanto, essencialmente subjetivos. Ao contrário, enquanto age, ele não está consciente de seus “motivos por que”. Só os pode entender em retrospectiva, num ato de reflexão, que pode ocorrer, mas não necessariamente, depois de terminado o ato. Por outro lado, mesmo um observador pode ser capaz de reconstituir os “motivos por que” de um ator, com base no ato consumado. Consequentemente, diz Schütz, esse tipo de motivo é essencialmente objetivo. (SCHÜTZ, 1979, p. 27)

Nesse sentido as experiências de vida de Lucas e o estoque de conhecimento que acumulou em sua trajetória de vida acabaram por condicionar suas ações e orientar sua energia para o trabalho voluntário. Tão logo retornou ao Brasil, procurou o centro de voluntariado da universidade onde trabalha para ingressar nas atividades.

Foi direcionado, inicialmente, para aulas de reforço escolar. No entanto, a possibilidade de realizar um curso de contação de histórias deu um novo rumo para suas atividades. Suas atenções foram voltadas, então, a um público geralmente renegado pela maioria dos voluntários, os idosos internados no hospital-escola da universidade. Conforme o relato, é possível perceber uma auto-análise de Lucas a partir de suas escolhas:

assim o pessoal que chega pra fazer o voluntariado **bah** fica encantado com a questão da criança ah não criança quero fazer com criança e eu pensei po, olha, eu vou fazer: mas eu vou fazer com idosos né já dentro daquele espírito de grenal que tomou o 4 a zero eu vou torcer praquele então os idosos precisam mais então eu=eu resolvi fazer com os idosos e aí eu comecei um projeto que era contação de histórias (Transcrição: página 7, linhas 14-19)

Logo em seguida, no entanto, Lucas percebeu que poderia fazer o projeto sob uma outra perspectiva: ao invés de contar histórias baseadas em contos, novelas ou ficções, viu que era possível inverter os papéis e deixar que os pacientes idosos contassem suas próprias histórias. Esses relatos podem ser de suas vidas, suas memórias de outros tempos, suas expectativas, sua realidade no hospital ou o que o idoso sinte-se motivado a falar. Criou-se, então, um projeto de escuta com esses idosos – que segue de forma contínua até o momento da conclusão desse trabalho (janeiro de 2017).

Semanalmente, Lucas vai até a geriatria do hospital conversar em torno de duas horas com os pacientes e cuidadores para ouvi-los – os relatos, em sua maioria, fazem referência ao passado, suas trajetórias de vida, relações familiares e momentos marcantes de suas biografias. Ele relata de forma

emocionada o quanto o resgate dessas trajetórias é importante para os idosos e suas famílias.

Contar – e/ou revisitar – suas histórias em um momento de internação hospitalar ou até iminência de morte transformam o ambiente e o contexto do tratamento bem mais leve. Ele comenta:

eu te digo assim sem a mínima (1) dúvida que eu ajudo bem menos os meus interlocutores do que eles me ajudam né eles me ensinam muito mais do que ah eu ensino a eles (Transcrição: página 9, linhas 4-6)

Lucas demonstra muito entusiasmo no projeto que ajudou a idealizar e colocar em funcionamento. Seu relato, nos momentos em que cita suas atividades como voluntário, é carregado de emoção e ânimo. É perceptível o engajamento em suas atividades semanais. No próximo subcapítulo analisarei de forma mais efetiva o seu engajamento no trabalho voluntário.

4.5 A ANÁLISE DO ENGAJAMENTO DE LUCAS: ALGUMAS PERCEPÇÕES

Revisitar a narrativa biográfica do voluntário Lucas, revendo o passo a passo da análise sob a luz da fenomenologia e a partir do método descrito por Gabriele Rosenthal, proporciona a verificação de algumas hipóteses acerca de seu engajamento no voluntariado. É importante retomar um pouco da trajetória percorrida para dar sentido às percepções que surgiram ao longo deste trabalho – desde o estudo da literatura disponível até a análise dos dados empíricos coletados a partir da entrevista biográfica.

Partimos do pressuposto que, mesmo inserido em um contexto social, familiar e econômico, cada sujeito traz a sua percepção e seu estoque de conhecimento a partir de suas experiências de vida. Já vimos anteriormente que há pesquisas quantitativas que buscam mapear as motivações dos voluntários, como sensação de bem-estar ao fazer o bem ou o sentir-se útil ao ajudar outras pessoas. Entendo, no entanto, que para além de uma estatística, existe a possibilidade de compreendermos um caso particular e, a partir dele, correlacionarmos a fenômenos sociais específicos.

O princípio de abertura e a construção de hipóteses ao longo da análise permitem o distanciamento necessário de minhas experiências pessoais bem como de outros estudos a respeito do tema. A partir da biografia de Lucas,

portanto, foi possível encontrar algumas respostas para as questões elencadas na introdução deste trabalho e que giram em torno do tema principal: que fatores de vida contribuem para que uma pessoa se engaje em atividades de voluntariado? O histórico familiar exerce algum tipo de influência nessas motivações? Qual ou quais os sentimentos que motivam essas pessoas ao engajamento?

A revisão teórica mostra que não é possível afirmar que exista uma uniformidade quanto às razões que levam um indivíduo a engajar-se em uma atividade. Weber (1979) afirma que o sentido da ação não se fixa, é flutuante. Para o autor, o sentido não se encontra no resultado em si, mas sim na própria conduta – o que explica a continuidade de grupos que lutam por valores que não têm um fim previsto, como a paz mundial ou movimentos ecológicos.

O autor propõe uma classificação de ação social a partir da natureza de suas motivações. Há ações do tipo afetivo, sem motivação racional e inspirada em emoções, sem fins a atingir; do tipo tradicional, que é motivada por costumes arraigados; racional com relação a valores, que tem um objetivo moral; e ainda a ação social com relação a fins, que tem o objetivo de máximo resultado com mínimo custo ou esforço.

Na ótica de Bourdieu (1994), as relações sociais e interpessoais dão-se por jogos, posicionamentos estreitamente ligados a objetivos a serem atingidos.

A relação com o objetivo que lhes interessa não é de modo nenhum o cálculo consciente de utilidade que lhe oferece o utilitarismo, filosofia que preferimos atribuir às ações dos outros. Eles têm o sentido do jogo; nos jogos nos quais (...) é preciso mostrar 'desinteresse' para ter êxito. (Bourdieu, 1994, p. 146-147)

Trazendo essa discussão para uma perspectiva da motivação para o engajamento de uma ação de voluntariado, Araújo (2008, p 36-38) afirma que toda ação assistencial possui um capital simbólico, ou seja, valores altruístas existentes nas práticas sociais. Então, apesar de um aparente desinteresse, o trabalho voluntário possui intenções de lucro simbólico.

O voluntariado dispensa a remuneração, mas espera, não objetivamente, ganhar algo em seu lugar, ao menos o reconhecimento de sua disponibilidade, por engajar-se espontaneamente. Portanto, ele encobre, de forma subjetiva, um aparente desinteresse, representado pelo seu altruísmo, pela sua abnegação à causa social, um aparente desapego a recompensas concretas. No entanto, ao executar as ações assistenciais, na verdade as realiza, além de para ou com os excluídos

sociais, também para si, pois toda ação, mesmo dessa natureza, corresponde a uma aquisição. (ARAÚJO, 2008, p. 243)

Nesse sentido, é possível traçarmos um ponto de contato com a biografia de Lucas. O entrevistado afirma que, em um momento de crise pessoal, buscou uma atividade que o reafirmasse como pessoa, para além dos títulos acadêmicos ou dos cargos que exerce na universidade. Em seu relato ele afirma que:

antes do meu nome pra mim fazer alguma coisa que me credenciava pra me ajudar ta e lá em Lisboa eu acho que eu percebi que, eu gostaria de fazer alguma coisa que não fosse=que começasse por o Lucas quer ajudar (Transcrição: páginas 6-7, linhas 34-3)

Esse “fazer alguma coisa” poderia motivar Lucas a seguir inúmeros caminhos possíveis – deixar seu emprego, mudar de profissão, trocar de cidade e estilo de vida, ter filhos ou até viver como um ermitão em uma ilha isolada do Oceano Pacífico (supondo um exemplo extremo). A opção, no entanto, se deu por manter seu estilo de vida e fazer alguma atividade paralela que o distanciasse temporariamente dos títulos que adquiriu ao longo de sua trajetória pessoal e profissional – mas que, ao mesmo tempo, não o desvinculasse totalmente de sua realidade de vida.

A decisão pelo voluntariado se dá em um contexto que envolve não apenas o momento da decisão, mas todo um histórico de vida, de relações e percepções. Ao longo de seu relato, Lucas cita alguns aspectos relevantes de valorização e investimento na educação – desde criança, estimulado pelos pais, até sua vida adulta, quando optou por voltar a estudar (mesmo que já estivesse em uma carreira sólida como engenheiro) e cumprir etapas importantes de sua pós-graduação, investindo em uma nova carreira ligada à educação.

Por isso apesar de relatar um incômodo em relação à falta de autonomia em função de seus títulos, Lucas reconhece e valoriza (por vezes demonstra orgulho) sua trajetória. É possível perceber que a crise relatada durante o período em que esteve fora do país não invalida a paixão e entusiasmo que sente pela nova profissão que escolheu. Conforme trecho de seu relato, ele reafirma o caráter altruísta do seu ofício diário:

a minha atividade profissional minha vocação e professor eu consigo ahm praticar isso de forma bem efetiva porque professor ele tá de alguma sempre aprendendo ensinando e auxiliando e ajudando o aluno né então isso vai se=vai se intensificando na atividade profissional eu acho que eu sou uma pessoa que tem uma atividade profissional assim

muito bem resolvida me encanta fazer o que eu faço é eu=eu assim eu sou professor de carteirinha sabe **adoro** ser professor sabe não poderia fazer outra coisa que não o ser professor e quando=quando acontece isso eu acho que o trabalho o trabalho ele toma um outro significado que não seja o hoje é dia cinco né hoje a gente recebe sabe então é toma um outro significado para além de qualquer tipo de remuneração que é a gratificação de estar fazendo o que tu gosta com quem tu gosta (Transcrição: página 4, linhas 14-25)

Ainda analisando seu relato de vida, é possível perceber que o entrevistado enfatiza muito a herança de um olhar solidário, uma opção pelos menos favorecidos, que vem de experiências da infância e também da influência de seus pais na construção de sua personalidade. Já verificamos, anteriormente, que a base motivadora de um trabalho voluntário é a solidariedade (Meister, 2003, p. 33) – um conceito que as conduz para uma ação social efetiva.

Lucas tem convicção ao afirmar que a solidariedade norteia diversas atividades e escolhas ao longo de sua trajetória de vida. Nesse momento de crise e busca por autonomia, de fazer alguma coisa que não dependesse de seus títulos, é possível perceber que o entrevistado recorreu a essa perspectiva para optar pelo trabalho voluntário.

Para além dos aspectos biográficos, no entanto, não podemos ignorar o contexto social em que Lucas está inserido. Mesmo que não seja a linha teórica principal adotada nesse estudo, é relevante observarmos outras perspectivas a respeito da motivação. Anthony Giddens (2009), afirma que toda ação humana ocorre como uma *durée*, que não pode ser descolada do seu contexto de espaço-tempo. Para ele, a motivação é vista como um conjunto de processos incrustados em todo um contexto social em que o indivíduo está inserido.

Para o autor, “o estruturalismo e o funcionalismo enfatizam fortemente a preeminência do todo social sobre suas partes individuais [isto é, seus atores constituintes, sujeitos humanos]” (Giddens, 2009, p. 1). Sua teoria contrapõe as sociologias interpretativas, que dão relevância à ação pela conduta humana, afirmando que há um todo maior, mais amplo, que também influencia no fazer social.

Para Schütz (1979, p. 25), toda e qualquer comunidade cultural estabelece uma herança social de relevâncias, passadas às gerações mais novas. Nesse sentido, o sujeito, a partir de uma hierarquia cultural de valores, estabelece suas próprias relevâncias – ou seja, o individual pode ser entendido como uma herança do coletivo.

Neste sentido, considerar a história pessoal da personagem e também o contexto em que ela se insere, se torna relevante para entender os fatores que levam os indivíduos a agir em prol de algum ideal. Ainda que os traços biográficos e o estoque de conhecimento do sujeito o levem a agir de determinada maneira, esse *modus operandi* é perfeitamente mutável de acordo com a estrutura onde ele está inserido e as relações sociais com seus pares.

Trazendo para a perspectiva da análise da biografia de Lucas, é possível perceber que, ao dispensar seu tempo livre e sua energia em uma atividade voluntária regular, ele optou por fazê-lo no contexto da instituição em que atua. A praticidade de atuar de forma voluntária no mesmo espaço físico (ou muito próximo) de onde atua como professor e pesquisador, certamente é um dos fatores que contribui para a escolha. A convivência com outros colegas também aparece como um fator relevante.

Em seu relato, o entrevistado cita que o projeto de voluntariado que idealizou e atua não seria possível sem o apoio de outra professora.

e junto com uma querida amiga que era coordenadora do voluntariado que é a Maria=a Maria ela foi professora aqui da=da ela foi coordenadora da informática até e ela é uma pessoa maravilhosa e ela: me auxiliou muito nesse início de voluntariado assim e tal e= no hospital e: só que na segunda semana eu já fui falar com a Maria e disse Maria o nome do projeto não tá certo e ahm, o que eu to fazendo tá de cabeça pra baixo, aí ela com toda a sensibilidade dela me disse mas porque, o que tu achas ta e aí eu disse pra ela olha quem tem que contar história não sou eu são eles eles tem muito mais pra contar do que eu tá eu tenho é que ouvir eles ta, e=e a partir daí bom então daí se transformou o projeto o projeto que era contação de histórias para a geriatria se transformou em histórias de vida que são histórias que eu simplesmente vou lá conversar com os pacientes os cuidadores parentes (Transcrição: página 7, linhas 19 a 30)

O fato de estar inserido no contexto da universidade e ter, como referência relações pessoais e de trabalho dentro do programa de voluntariado, ajudou Lucas a vislumbrar uma nova perspectiva de atuação. Talvez se não tivesse essa liberdade com a coordenadora do voluntariado (que é também sua colega de profissão na universidade), trocaria novamente de atividade ou até poderia se desmotivar com as atividades que vinha desenvolvendo.

Ao ingressar no projeto de voluntariado, Lucas relata que conseguiu dar um outro caráter às atividades sociais que desenvolveu ao longo de sua carreira na universidade. Ele conta que, até então, o doutor Lucas coordenava grupos que atuavam diretamente com moradia social, comunidades economicamente

menos favorecidas, entre outras. Agora, o Lucas faz parte de um grupo de voluntários que atua em determinados projetos.

Ainda que sua atividade seja mais individual que coletiva, já que as visitas aos pacientes são realizadas por um voluntário isoladamente, é no grupo que Lucas ajuda na tomada de decisões (como a transição de um projeto de contação de histórias para um de escuta), fortalece as atividades atuando como o voluntário que ajuda novos integrantes do grupo e, também, se beneficia de uma estrutura já existente que permite que o trabalho seja desenvolvido no hospital escola, que dá formação continuada aos voluntários e que leva a chancela da universidade.

Ao abordar a ação coletiva, Mancur Olson (1999) analisa aspectos comportamentais e formula, em 1965, uma teoria da ação coletiva, onde defende que “grupos de interesses comuns usualmente tentam promover esses interesses comuns” (1999, p. 13). Por isso, para o autor, é fundamental analisar as organizações a partir de seus propósitos que, em sua maioria, é a promoção dos interesses de seus membros.

Para o autor, é característica básica das organizações desempenhar uma importante função na defesa de interesses comuns ou grupais. Ressalta, ainda, que:

assim como pode se supor que os indivíduos que pertencem a uma organização ou grupo têm um interesse comum, eles também têm interesses puramente individuais, diferentes dos interesses dos outros membros do mesmo grupo ou organização. (OLSON, 1999, p. 20)

Nesse sentido, Olson (1999, p. 14) defende que o fato dos grupos promoverem seus interesses está baseado na afirmação de que os membros do grupo agem por interesses pessoais e individuais. Ou seja, o comportamento de cada indivíduo é racional e centrado nos próprios interesses – que por serem comuns aos seus pares no grupo, deixariam todos em melhor situação.

Ao manter-se vinculado a um grupo de voluntariado, Lucas ao mesmo tempo em que se beneficia por todo um aparato e diretrizes de sua ação disponibilizados pela universidade, ele contribui para que os projetos continuem em funcionamento. Esse é outro aspecto relevante para explicar o vínculo que o entrevistado mantém com o grupo de voluntariado há seis anos.

No próximo capítulo, irei tecer algumas considerações finais sobre este trabalho, à luz de toda a caminhada realizada no estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer todos os passos de análise e reconstrução biográfica do voluntário Lucas me permitiu conhecer uma (de tantas) perspectivas a respeito do engajamento em atividades de voluntariado. A influência familiar, a sua percepção de solidariedade e o trabalho voluntário como uma forma de escapar de um momento de crise pessoal mostraram-se relevantes em seu relato de vida. Relevantes, também, para ajudar a responder algumas questões acerca do tema principal dessa pesquisa: quais as motivações que levam as pessoas a se engajarem em atividades de voluntariado?

O voluntariado, em 2016, já envolvia em torno de 29 milhões de pessoas no país (números do *World Giving Index*) e, nesse enorme contingente, existe uma variedade ampla de motivações, razões e percepções. Ao longo desse estudo, deparei com diversas perspectivas diferentes – tanto nas pesquisas sobre os temas como nas entrevistas biográficas realizadas.

Observar como a atividade se desenvolveu no país, nos diferentes momentos de nossa história política, econômica e social, ajudaram a mapear a percepção de atividades de cunho social. Se em um primeiro momento elas eram principalmente assistenciais e vinculadas à igreja, ganharam, com o tempo, contornos laicos e um olhar mais atento à exclusão social (Bonfim, 2010).

Não é possível descolar, dessa análise, o caráter institucionalizado que o voluntariado adquiriu ao longo de seu desenvolvimento no Brasil. No primeiro capítulo deste trabalho, foram mostrados números do Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial (CBVE) que mostram o quão relevante o voluntariado é para atividades de empresas, especialmente privadas.

Ao mesmo tempo em que ajuda a impulsionar as atividades – e, conseqüentemente, mobilizar e beneficiar mais pessoas – o voluntariado atrelado ao mundo do trabalho também revela uma preocupação maior em construir uma boa imagem para a sociedade (46,4%) que, de fato, criara uma cultura interna de cidadania (43,5%). São nuances que nos ajudam a compreender como essas atividades acontecem, hoje.

Exemplo de como essas percepções se manifestam nos voluntários estão nas suas perspectivas. A pesquisa *Opinião do Brasileiro sobre Voluntariado*, realizada pela Fundação Itaú Social mostra que sensação de bem-estar, sentir-

se útil, gratificação pessoal e até reconhecimento e prestígio aparecem como motivações para o voluntariado.

Essa diversidade de razões também foi observada quando fui à campo, ao longo deste curso de pós-graduação, e tive contato com diversos voluntários – sendo que, com cinco deles, foram realizadas entrevistas biográficas. O método de narrativa biográfica, à luz da fenomenologia, permite ao pesquisador um grande leque de análise dos fenômenos sociais. Por meio da reconstrução da trajetória de vida narrada pelo entrevistado é possível ter um panorama amplo da sua história de vida, dos pontos decisivos de sua biografia e dos motivos que o levaram a fazer suas escolhas.

Nesse sentido pude observar que fatores diversos e relevantes na decisão pelo engajamento no voluntariado. Das cinco entrevistas biográficas realizadas, a religiosidade apareceu como fator principal na decisão em realizar algum tipo de trabalho voluntário em três casos. Em dois deles, traumas como um grave problema de saúde ou a morte de familiares e amigos próximos também contribuíram para a tomada de decisão – especialmente como forma de superação.

No caso Lucas, cuja biografia foi analisada de forma mais detalhada, é possível observar que ele que buscou nas atividades voluntárias uma forma de lidar com um momento de crise pessoal. Vindo de um contexto de estabilidade financeira e emocional, uma família estável e com boa convivência, o entrevistado deparou-se com um momento de solidão e revisão de seus valores de vida ao se encontrar sozinho em um país estranho. Recorreu, então, ao seu estoque de relevâncias para tomar a decisão de se engajar em atividades sociais que se distanciassem das suas atividades corriqueiras como professor e pesquisador e o ajudassem a perceber-se como pessoa, como cidadão.

Entre os fatores que contribuíram para essa escolha, está a percepção que ele tem de solidariedade. Conforme vimos, a solidariedade é considerada pelo entrevistado uma palavra-chave, que permeou atividades e decisões ao longo de sua vida. Essa percepção vai ao encontro de abordagens teóricas sobre o tema. Autores como Meister (2003) e Araújo (2008), destacaram a solidariedade como força motriz para o voluntariado. Vai ao encontro, também, dos relatos de outros entrevistados com os quais tive contato. Ainda que nem todos façam uso de um conceito de solidariedade, todos, de alguma forma,

fazem referência ao cuidado, à sensibilidade aos problemas dos outros e à inconformidade com a exclusão social, entre outros fatores. Essa solidariedade, no entanto, não surge como um passe de mágica na percepção e vida desses voluntários.

O histórico familiar, as relações que constroem ao longo da vida, as experiências desde a infância aparecem, nas entrevistas, como fundamentais nesse sentido. No caso de Lucas, ele é capaz de perceber isso de forma muito nítida em sua trajetória de vida. Ele cita o altruísmo e a sensibilidade presentes na personalidade dos pais como uma *herança* que carrega consigo. Ao lembrar da forma como foi educado informalmente pelos pais, sendo apresentado a temas diversos como filosofia, economia, história e geografia, demonstra que esses ensinamentos mudaram sua perspectiva de ver o mundo, fazendo uma análise mais crítica e profunda de sua realidade social.

Lembranças como a do jogo de futebol, referenciado por Lucas como um exemplo para reforçar seu olhar solidário em diversos momentos de sua vida, nos ajudam a perceber a relevância de um olhar amplo – e ao mesmo tempo profundo – para a biografia relatada pelo entrevistado. É fundamental, nesse sentido, entender significações e relevâncias que ajudaram a traçar seus cursos de ação, como o entrevistado faz as ligações e cruzamentos entre suas memórias, com um olhar atento e, ao mesmo tempo, com o distanciamento necessário para não deixar que as pré-concepções e bagagem de vida do pesquisador influenciem de forma muito intensa no estudo.

O resultado dessa análise detalhada permite uma visão do mundo circundante do sujeito – ao narrar sua biografia, esses sujeitos tornam-se, também, intérpretes dos objetos com os quais está confrontado (pessoas, ideias, etc) com o intuito de localizar a si mesmo no mundo, estabelecendo o seu roteiro de ação e interpretação (SANTOS, OLIVEIRA e SUSIN, 2014). Lucas, nesse sentido, demonstra uma preocupação social e um olhar atento aos problemas que o circundam de forma bastante significativa. Sua motivação para o voluntariado caminha junto a uma perspectiva de preocupação com a exclusão social que caracteriza, de forma geral, a atividade de voluntariado no país a partir, especialmente, da década de 1990 (conforme já citado).

Rosenthal (2014b), cuja obra norteia os caminhos de análise feitos nessa dissertação, traz a perspectiva de que a partir da análise da trajetória de vida de

um sujeito é possível termos percepção de alguns padrões interpretativos e/ou perspectivas subjetivas dos agentes no cotidiano. A análise da biografia de Lucas, nesse sentido, nos traz percepções importantes de como o voluntariado pode se manifestar e quais os caminhos que levam os sujeitos a se engajarem em suas atividades.

Ao retomarmos algumas questões lançadas logo no início desse estudo, e a partir da análise biográfica de Lucas, é possível traçar algumas afirmações. É visível que a influência familiar, como um olhar atento às minorias e aos mais necessitados (seu estoque de relevâncias e conhecimentos), foi fundamental para que, em um momento de crise pessoal, ele optasse pelo engajamento em atividades de voluntariado.

Ainda que exista uma diversidade de fatores que influenciem na tomada de decisão pelo voluntariado – e pela forma como ele será desenvolvido –, foi possível perceber, a partir do caso estudado, a relevância da solidariedade. Resgatando o conceito de Meister (2003, p. 62), o autor define a solidariedade como o compartilhamento de experiências e a troca mútua de conhecimento – fatores que foram preponderantes no momento de crise pessoal do biografado.

No momento de revisão de seus valores de vida e de busca por atividades que gerassem sentido para além de seus títulos acadêmicos, Lucas encontra no voluntariado uma forma de dar um novo significado às suas atividades e relações pessoais. A opção por um trabalho de escuta a idosos dá, ao biografado, a possibilidade de compartilhar conhecimentos e experiências como um igual, dispensando a hierarquia de doutor, professor ou pesquisador.

Por fim, vale reafirmar que as percepções acerca da história de vida narrada por Lucas hora reafirmam, hora ampliam as respostas apontadas por pesquisas anteriores. A perspectiva do sujeito, no entanto, nos dá, além da perspectiva do sujeito, a possibilidade de observar o seu mundo circundante, a relação entre indivíduo e sociedade.

É importante reafirmar que o voluntariado é uma atividade diversa e extremamente ampla. Mesmo as atividades semelhantes, desenvolvidas em um mesmo contexto – como por exemplo um grupo de palhaços que realiza recreação em uma mesma ala de um mesmo hospital –, carregam, consigo, motivações completamente distintas para aquelas pessoas que a desenvolvem.

Aceitar e, especialmente, compreender essas diferenças é fundamental para o fortalecimento das atividades e dos grupos. A heterogeneidade de razões e motivações pede um olhar atento e compreensivo das lideranças dos grupos de voluntariado, de forma a entender as particularidades dos voluntários e, com isso, prestar o suporte necessário para cada um deles.

Entendo, também, que ainda que esta investigação nos ajude a compreender essas perspectivas, o assunto é amplo e bastante diversificado. Dessa forma, outros olhares e estudos se mostram relevantes como forma de investigar o voluntariado em toda sua diversidade e pluralidade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Jairo Melo. *Voluntariado: na contramão dos direitos sociais*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERNARDES, N.M.G., *Análise compreensiva de base fenomenológica e o estudo da experiência vivida de crianças e adultos*. Educação, Porto Alegre, ano XIV, n. 20, 1991.
- BERTAUX, Daniel. *A vingança do curso de ação contra a ilusão cientificista*. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 250-271, maio-agosto 2014.
- BONFIM, Paula. *A cultura do voluntariado no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BORBA, E.R.L. et.al. *Terceiro setor: responsabilidade social e voluntariado*. Curitiba: Champagnat, 2001.
- BORDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1994.
- CARDOSO, Ruth. *Fortalecimento da sociedade civil*. In: IOSCHPE, Evelyn et al. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- DOMENEGUETTI, A. M. *Voluntariado: Gestão do Trabalho Voluntário em Organizações Sem Fins Lucrativos*. São Paulo: Editora Esfera, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *A Constituição da sociedade*. 3ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- LEIS, Héctor Ricardo. *A sociedade dos vivos*. Porto Alegre: Sociologias, ano 5, nº9, jan/jun, 2003, p. 340-353.
- LIONS INTERNATIONAL. <http://www.lionsclubs.org/> Acesso em 16/08/2016.
- MEISTER, José Antonio Fracalossi. *Voluntariado: uma ação com sentido*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- OLSON, Mancur. 1999. *A lógica da ação coletiva*. São Paulo: Edusp
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Relatório da Assembleia geral*. http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/56/38&referer=/english/&Lang=S Acesso em 02/08/2016.

PUTNAM, R. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: Uma introdução*. 5. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014a.

ROSENTHAL, Gabriele. *História de vida vivenciada e história de vida narrada*. Civitas, Porto Alegre, v.14, n. 2, p. 227-249, maio-agosto 2014b.

ROSENTHAL, Gabriele. *História de vida narrada e biografia vivenciada: forma e estrutura de descrições autobiográficas, no prelo*.

SANTOS, Hermílio. *Ação e relevância em narrativas de adolescentes autoras de atos infracionais*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, p. 489-512, julho-dezembro 2012.

SANTOS, H.; VÖLTER, B.; WELLER, W. *Narrativas: teorias e métodos*. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 195-388, maio-agosto 2014.

SANTOS, H.; OLIVEIRA, P.; SUSIN, P. *Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: Revisão e perspectivas*. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 195-388, maio-agosto 2014.

SCHÜTZ, Alfred. *Phenomenology of the social world*. Evanston, Northwestern, 1967.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOBOTTKA, Emil. *Organizações civis: Buscando uma definição para além de ONGs e “terceiro setor”*. Civitas, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 81-95, 2002.

TRILLA, Jaume. *A educação não-formal*. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008.

WAMPLER, Bria. *A difusão do Orçamento Participativo brasileiros: “boas práticas” devem ser promovidas*. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 14, ano 1, Junho 2008

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WORLD GIVEN INDEX. Uma visão global das tendências de doação. CAF, 2014. Disponível em http://idis.org.br/wp-content/uploads/2014/11/CAF_WGI2014_PT.pdf. Acesso em 23/08/2015.

ANEXO A – Memorando de Entrevista Biográfica
Entrevista realizada com Lucas em 5 de abril de 2016,
por Luísa de Lemos Medeiros

1. Reflexão sobre a situação da entrevista:

A duração da entrevista foi de 52 minutos. Foi realizada em uma sala de reuniões da universidade onde Lucas trabalha, em Pádua. Em uma mesa longa, com várias cadeiras, Lucas ficou sentado em frente à entrevistadora. O ambiente era calmo e um ar-condicionado fazia um barulho constante. Houve uma interrupção ao longo da conversa, de uma mulher que solicitou uma conversa com Lucas, que foi vago ao dar resposta, mas sentiu-se incomodado com tal situação. O telefone celular, utilizado para a gravação, foi posicionado na mesa, em frente ao entrevistado (entre o entrevistado e a entrevistadora).

A entrevistadora chegou até o entrevistado por meio de indicação de uma amiga em comum, que é voluntária no mesmo lugar que Lucas. Foi solicitado a ela que não desse muitos detalhes da pesquisa, para não tendenciar as respostas. Por e-mail, a entrevistadora explicou que o tema de pesquisa era voluntariado, mas não deu detalhes. No encontro presencial, Lucas perguntou sobre o método, o que seria feito com o material. A entrevistadora tentou falar o mínimo possível sobre a técnica e também os resultados, limitou-se a dizer que estava interessada na trajetória de vida dele como um todo e que, ao final da entrevista, poderia dar mais detalhes.

Ainda que curioso em relação à pesquisa, Lucas tentou ser o mais didático e amplo possível na sua fala. Ele foi bastante analítico, sempre tentando justificar algumas abordagens e considerações que fazia – especialmente em relação à infância e na relação com os pais. Chegou a narrar alguns fatos, dessa época, como exemplos. Sobre sua vida adulta, Lucas conseguiu ser mais objetivo na trajetória de vida.

A interrupção se deu quase no final da exposição da história de vida e fez o entrevistado perder um pouco a linha temporal. Ele ficou visivelmente incomodado com a atitude da colega, de abrir a porta, pedir para falar com ele e insistir, mesmo que ele tivesse explicado que estava dando uma entrevista.

Falou bastante sobre isso, sobre a falta de sensibilidade da pessoa, inclusive depois da entrevista.

Ao final, se colocou completamente à disposição e disse que achou muito interessante narrar e reviver algumas coisas da vida dele.

2. Dados do entrevistado e da família:

Lucas tem 53 anos e é natural de Pádua. Filho de pai engenheiro (já falecido) e mãe professora, tem uma irmã mais velha e é casado. Sua formação é em Engenharia Civil, chegou a cursar um semestre de história, ambos os cursos em universidade pública. Fez mestrado e doutorado na área da educação e tem dois pós-doutorados no exterior, um em Portugal e outro no Chile.

3. História de vida apresentada:

A entrevistadora solicitou a Lucas: “gostaria que tu narrasse tua história de vida de forma ampla, em todos os aspectos possíveis”. Após olhar e gestos de não saber por onde começar, a entrevistadora continuou: “Pode começar do começo mesmo, lá da tua infância”. Lucas, então, começou falando sobre seus pais, a profissão de cada um e um pouco sobre a personalidade dos dois, especialmente o altruísmo e a sensibilidade, que ele afirma ter herdado de forma muito forte. Cita o núcleo familiar como ele, mãe, pai e irmã, mas não fala na irmã. Conta que teve uma “educação informal” muito importante em casa, onde as decisões eram sempre compartilhadas entre todas as pessoas, inclusive as financeiras. Cita que, desde cedo, era estimulado a debater temas globais, de política, história e contexto mundial.

Fala, então, sobre sua formação acadêmica. Cita que estudou alguns anos em colégio público depois passou a um colégio particular – ressalta que os pais se sacrificaram muito para mantê-lo nessa escola. Aos 17 anos, prestou vestibular para engenharia civil em uma universidade pública. No ano seguinte, já cursando engenharia, começou o curso de história – mas não concluiu, fez apenas um semestre. Formou-se e foi trabalhar em uma empresa de obras, depois abriu o próprio escritório.

Em 1997, teve uma experiência como professor substituto na mesma universidade onde se formou, foi quando voltou-se para o mundo acadêmico. Ingressou em um mestrado na área da educação, depois concluir um doutorado e passou a dedicar-se exclusivamente à docência. Em 2010 fez um pós-doc em Lisboa e, em 2014, um pós-doc em Santiago. Ressalta que as especializações dele sempre foram na área social, o que reforça que ele sempre teve um olhar mais sensível. Cita que a mulher diz que ele “não pode ver uma vila”.

Narra, então, que em 2010, quando estava em Lisboa, teve tempo para refletir que tudo que ele fazia, na vida, estava muito institucionalizado e que ele queria fazer alguma coisa por ele, que fosse o Lucas, simplesmente, e não o “doutor” ou “professor” Lucas. Quando retornou ao Brasil, no ano seguinte, procurou o Centro de Voluntariado da universidade que estava dando aula e ingressou no voluntariado. Começou com reforço escolar, depois contação de história. Até perceber que as pessoas queriam muito mais contar suas histórias que ouvir, então conversou com a coordenadora das atividades e criaram, juntos, um projeto de escuta a pacientes internados no hospital-escola da própria universidade.

Depois de contar isso, e após a interrupção da conversa, Lucas ficou um pouco sem saber por onde continuar, narrou ter ficado incomodado, indicando que a entrevistadora prosseguisse perguntando alguma coisa para ele. Então a entrevistadora abordou alguns temas que considerava que estavam “em aberto”: a relação com a irmã, que se mostrou bem superficial; a opção pela Engenharia Civil, muito influenciada pelo pai; a opção pela docência, a partir da experiência como professor substituto; o casamento, que é recente, tem três anos, e a relação da esposa com voluntariado – ele narra que ela faz pequenas coisas no dia a dia, de forma muito prática, mas que são atos valorosos.

4. Quais as relações entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa?

Acredito que a entrevista sirva para uma análise aprofundada do tema, que é o engajamento em trabalho voluntário. A primeira pista que percebi foi a influência da família no senso de justiça e altruísmo. A vivência em um outro país, junto com uma sensação de “vazio” de algo que se desvinculasse do

trabalho, foram os gatilhos para o início do trabalho voluntário e o que ele recebe de compartilhamento de vida é o que move ele, ainda hoje – seis anos depois.

DADOS BIOGRÁFICOS

Contexto: o entrevistado tem 53 anos e participa de um grupo de voluntários em em Pádua

1963 – ano de nascimento, em Pádua;

1968 – vai ao primeiro jogo de futebol com seu pai, e decide torcer para o time que perdeu – esse fato é marcante para ele;

Aprox 1969 – início da vida escolar, em um colégio público;

Aprox. 1972 – passa a estudar em um colégio particular;

1980 – ingressa no curso de graduação em Engenharia Civil em uma universidade pública;

1981 – ingressa em um curso de graduação em História – que viria a cursar apenas um semestre;

1986 – conclui o curso superior e começa a trabalhar em uma empresa privada;

1996 – desliga-se dessa empresa e abre seu próprio escritório de engenharia;

1997 – tem uma experiência como professor substituto e faz uma especialização em docência;

1998 – começa a atuar na universidade particular que tua ainda hoje;

1999 – 2001 – realiza o mestrado na área da educação;

2002 – 2006 – realiza o doutorado na área da educação;

2010 – realiza pós-doc em Lisboa;

2011 – inicia o trabalho voluntário;

2013 – casa-se;

2014 – realiza pós-doc em Santiago do Chile.

ANEXO B – Códigos de Transcrição¹⁵

Código	Significado
,	Pausa inferior a um segundo.
(2)	O número entre parênteses expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos).
?	Forte aumento da entonação da voz
Exemp-	Palavra pronunciada pela metade
Exe:::mplo	Pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de ::: equivale ao tempo da pronúncia)
Assim=assim	Palavras pronunciadas de forma emendada
<u>Exemplo</u>	Palavra pronunciada enfaticamente
,exemplo'	Palavras ou frase pronunciada em voz baixa
Exemplo	Palavras ou frase pronunciada em voz alta são grafadas em negrito
(exemplo)	Palavras cuja compreensão não está totalmente clara são colocadas entre parênteses
()	Parênteses vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parênteses varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase).
@exemplo@	Palavras ou frases pronunciadas entre risos
@(2)@	Número entre arrobas expressa a duração dos risos.
((bocejo))	Expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos. Ex. ((pessoa entra na sala)).
//hm//	Utilizado para indicar mudança de falante, mesmo que seja por breves momentos, como em feedback ("ah", "oh", "Huhum", "Aham") ou risos do entrevistador (//(2)@//)

¹⁵Adaptação realizada por SUSIN, Priscila. **Construções familiares e experiências de violência:** pesquisa biográfica em uma favela carioca. Porto Alegre: PUCRS, 2014



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad